ILUSTRAÇÃO

N.º 333 — 14.º ano

1-NOVEMBRO-1939

PREÇO-5 escudos

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.
6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.
28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.
45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.
50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.
55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.
60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.
65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.
75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.
76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
80 — **A Aldeia Aérea,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
81 — **A Agência Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
82 — **A Agência Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PAPEIS PINTADOS

AS MAIS LINDAS COLECÇÕES
DAS PRINCIPAIS
FÁBRICAS ESTRANGEIRAS

PEDIDOS À
SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, L.DA
Rua Augusta, 126-130 — LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::
AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES
IMPRESSORES
Bertrand, Irmãos, L.da
Telefone 2 1368
Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

TABACARIA INGLEZA
Fundada em 1869
Praça Duque da Terceira, 18-LISBOA
Recomenda aos bons fumadores
as duas melhores marcas de cigarros
Chesterfield e Spud

UMA GRANDE FIGURA NACIONAL
ACABA DE APARECER O LIVRO
O MARECHAL DUQUE DE SALDANHA
pelo **Prof. Dr. COSTA LOBO**
A mais completa biografia do valoroso militar, do insigne estadista, diplomata e cientista. Verdadeira síntese de uma vida de virtudes
1 vol de 306 págs., com 6 grav., broc. . . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança, **Esc. 13$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero. (Romance.) — 338 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cistér, (Romance.) 2 vols., com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) 8 vols., 2.818 páginas, brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado . 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado ..... 10$00
Cartas (Inéditas) 2 vols., com 586 páginas, brochado..... 20$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 331 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 369 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado ..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PARA OS LICEUS

Obras da Prof.ª DR.ª SEOMARA DA COSTA PRIMO aprovadas pelo Ministério de Educação Nacional.

Compêndio de Botânica, para o IV, V e VI anos, com 218 figuras e 3 est. a côres ... **Esc. 18$00**
Compêndio de Biologia, para o 3.º ciclo dos liceus, com 112 figuras, 8 fotogravuras e 2 est. a côres ..... **Esc. 18$00**
Compêndio de Zoologia, para o IV, V e VI anos, 336 págs. com 218 figuras, 8 fotogravuras e 3 est. a côres..... **Esc. 20$00**

O melhor livro de puericultura, de harmonia com o programa oficial é

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

PELO **DR. SAMUEL MAIA**

Edição primorosa, com muitas gravuras

1 vol de 368 págs., broc..... **Esc. 15$00**

Pedidos a **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa — que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de todos os LIVROS DE ESTUDOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc.

PARA AS FACULDADES

O mais completo e variado sortido de livros de **Medicina,** de **Direito,** de **Engenharia,** etc., tanto nacionais como estrangeiros

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **Prof. Dr. LUÍS DE PINA**

A primeira e mais completa obra no género, em Portugal

Indispensável aos estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor,

Esc. 30$00

Fazem-se remessas à cobrança

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada 2$00
Album da Cartilha Maternal, enc. ..... 90$00
Guia da Cartilha Maternal, 1 fol..... 2$00

A Cartilha Maternal de João de Deus
é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

LIVROS DE INGLÊS

DO **P.e JÚLIO ALBINO FERREIRA**

Adoptados nos liceus e escolas comerciais e industriais

Gramática inglêsa..... 12$50
Selecta inglesa..... 15$00
Commercial english..... 18$00
Can you speak english?..... 15$00
Método de inglês..... 15$00
Dic.º inglês-português (grande)..... 60$50
Dic.º português-inglês (grande)..... 70$00
Dic.º inglês-português (escolar)..... 35$00
Dic.º português-inglês (escolar)..... 40$00
Os dois juntos num vol..... 65$00

DO MESMO AUTOR:
Método de francês — 1.º e 2.º vol, cada.... 6$00

Pedidos à **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa, que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de TODOS OS LIVROS DE ESTUDO: PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-NOVEMBRO-1939
N.º 333 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

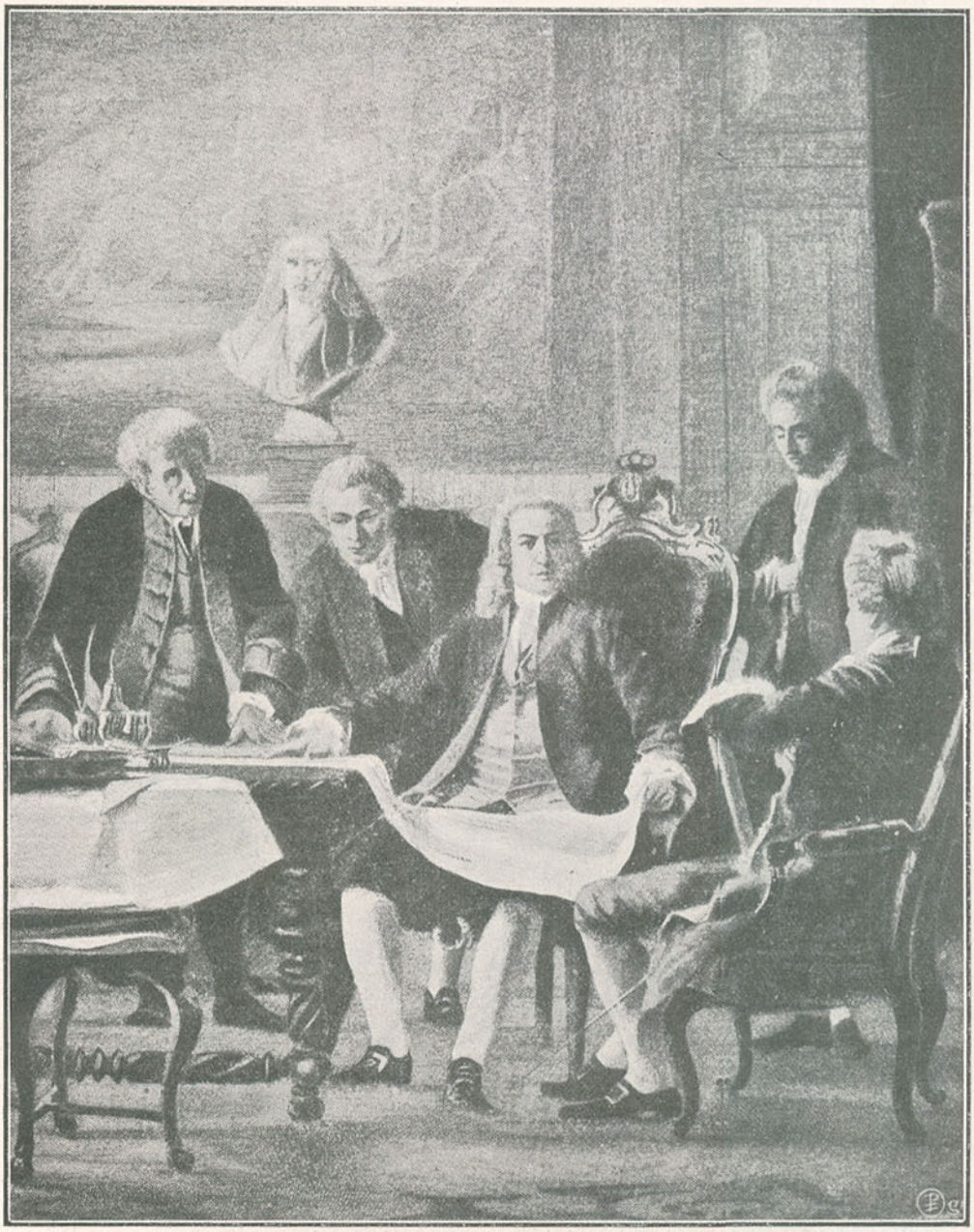
O TERREMOTO E O GRANDE MARQUÊS

APÓS o pavoroso terremoto, o Marquês de Pombal mostrou tôda a sua energia. O fogo devorava os tesouros que enchiam os paços reais, o erário, os templos e os palácios, porque a catástrofe fôra mais terrível no centro da cidade, onde reinava maior opulência e grandeza. Os donativos eram abundantes, mas, ainda assim, não chegavam.

O conde de Oeiras multiplicava-se. Acudia com presteza, encontrava soluções, mesmo violentas para evitar mais horrores. Enérgico, fundava o seu poder sôbre os destroços. O pedestal do seu govêrno alicerçava-se naquela grêda oscilante, nas pedras estilhaçadas, nas ruínas negras cheirando ainda a carne queimada, por entre uma fumarada nauseabunda.

Iam lançar fora da barra montes de cadáveres, conduzidos em batelões; amarravam-se pesos aos corpos para que não voltassem a boiar como testemunhas da desgraça.

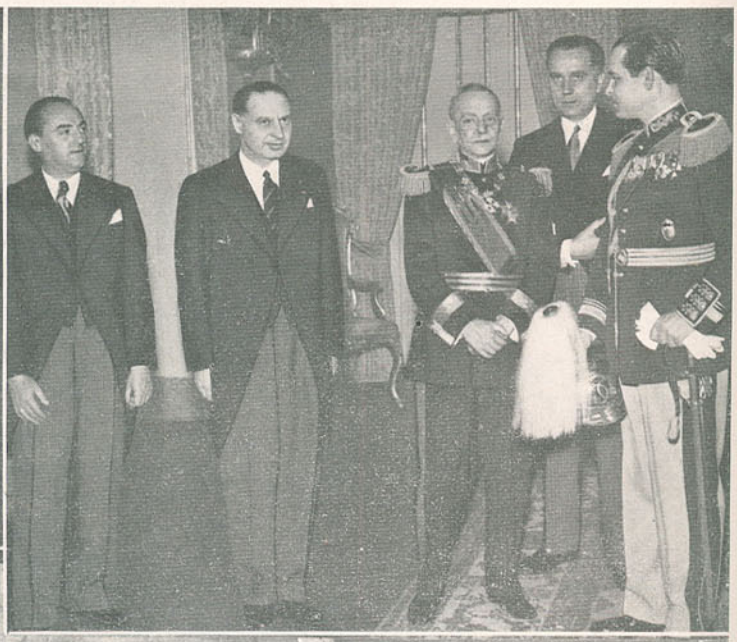
«Sepultava-se os mortos e tratava-se dos vivos», como dissera o grande marquês ao lançar a ideia de reconstruir Lisboa em linhas rígidas, severas, mas ordenadas.



O Marquês de Pombal examinando os planos para a reedificação de Lisboa

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O entreposto e frigorífico do Comércio de Bacalhau junto da margem direita do rio Douro, em frente do cais do Bicalho, no Pôrto, dominando um dos locais de mais íntimo movimento do tráfego fluvial

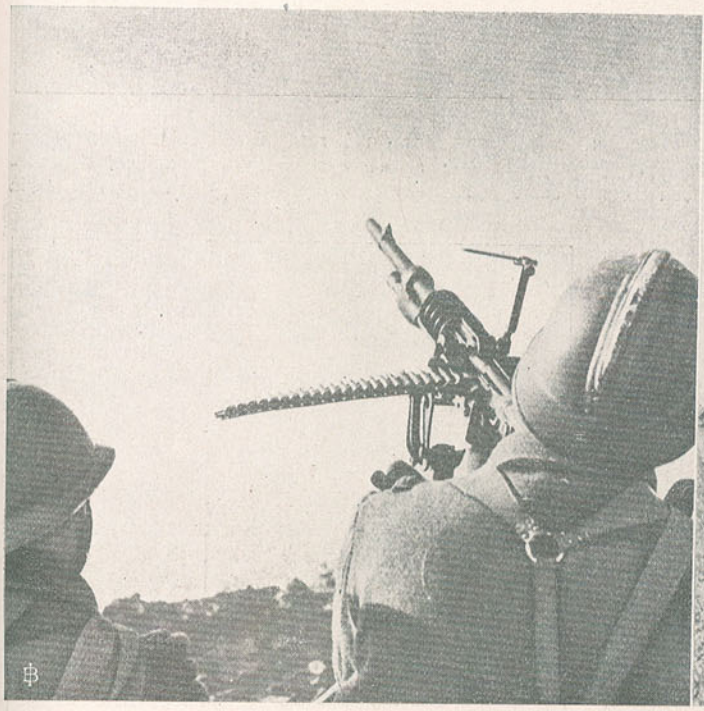


Em cima, à esquerda: Um aspecto da assistência à missa celebrada na igreja de S. Luiz dos Franceses por alma dos combatentes aliados mortos em campanha. No primeiro plano da esquerda para a direita: Ministro da União Sul Africana, Embaixador da Inglaterra, Ministro da França, Ministro da Polónia e general Daniel de Sousa, da Liga dos Combatentes. — *À direita:* O Chefe do Estado com o Ministro da Roménia e outras entidades daquele país, após a entrega das condecorações. *Em baixo:* O novo Ministro do Japão à saída do Palácio de Belém, após a entrega das credenciais. — O sr. Ministro da América lendo o seu discurso junto do túmulo de Camões. — *À direita:* A senhora Hamond depondo flores no túmulo de Vasco da Gama

ASPECTOS DA GUERRA

O dedo sôbre o gatilho da espingarda e da metralhadora, um grupo de soldados aguarda a voz de comando para cortar o avanço de uma patrulha inimiga

Pesadas cadeias impedindo a passagem de Helsinki, na Finlândia



Um metralhador vigia atentamente no céu um avião de reconhimento inimigo até chegar o momento próprio de pôr fim ao seu vôo indiscreto. — *A' direita:* Junto dêste cruzeiro onde se eleva a imagem da dor e da caridade, um oficial superior regula minuciosamente alguns pormenores de organização com o serviço sanitário da sua unidade. Nos grandes momentos, por mais aflitivos que sejam, um bom comandante mostra-se sempre sereno e confiante, dando o exemplo aos seus subordinados

VISÕES DA GUERRA

Um canhão de grosso calibre inicia a sua função trovejante, reduzindo ao silêncio as baterias inimigas. Lembra a voz do leão, ante a qual todos os outros animais se calam, inclusivé o homem

O mais banal meio de defesa que um exército encontra quando recua, é fazer saltar as pontes para atrazar o avanço dos seus perseguidores. Estes, por sua vez, como a gravura acima indica, servindo-se dos seus pontoneiros constroem ràpidamente uma ponte para a passágem da sua artilharia

Uma peça de artilharia pesada acaba de ser camuflada, e, assim, invisível, aguarda a melhor oportunidade para se fazer ouvir a muitos quilómetros de distância. — *Á direita :* «Tanks» britânicos atravessando as estradas da França, a caminho da frente de batalha

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

Alguns dos muitos milhares de peregrinos que, levados pela fé, foram erguer as suas preces à Senhora de Fátima. Num momento em que o Mundo inteiro se convulsiona numa luta sangrenta, a alma simples do povo confia na protecção de Virgem Mãi com o fervor que Nun'Alvares lhe ensinou e sôbre o qual se fundou a nacionalidade portuguesa

Um aspecto da imponente procissão das velas realizada na freguesia de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa. O vasto templo não chegou para conter os fieis que se encorporaram nesta procissão, a despeito do mau tempo que fazia. A benção aos fieis foi dada dentro da igreja em virtude da chuva não ter permitido que essa cerimónia se realizasse no adro conforme estava determinado

Apoteose de Napoleão — por Ingres

Ao principiar a escrever estas linhas ocorre-me à memória a frase que Anatole France, no seu livro *Le crime de Sylvestre Bonnard*, põe na bôca dum *demi-solde* — um dêsses velhos *demi-soldes*, antigos componentes do «Grande Exército», que, não havendo tido a ventura de morrerem com beleza, trespassados pelas lanças dos cossacos nas estepas cobertas de neve da Rússia ou pulverizados pelo fogo dos canhões prussianos na *morne plaine* de Waterloo, tinham visto a Restauração dos Bourbons despedaçar-lhes as espadas e cortar-lhes as carreiras.

« — Napoleão, senhor vidama, teve outra esposa além de Josefina e de Maria Luíza. O senhor não a conheceu, mas eu vi-a de perto. Essa esposa tem um manto azul constelado de estrêlas; orna-lhe a fronte uma corôa de louros e brilha-lhe no peito a Legião de Honra. Chama-se a Glória!»

É um facto indiscutível. A verdadeira esposa de Napoleão não foi, nem a trigueira e dolente crioula da Martinica, nem a loira e desgraciosa arquiduqueza de Áustria, mas sim a deusa coroada de louros.

Foi ela que êle amou — mais indiscutivelmente que deveria ter amado — a ponto de tudo lhe dedicar e de por Ela sacrificar tudo.

E como a amava, como a colocava na sua alma acima de tudo e de todos, decidiu, à maneira dos antigos romanos, erigir em sua honra um templo.

Esse monumento, tal era a sua vontade, expressa no decreto de 2 de dezembro de 1806, datado de Posen, seria, não só o templo da Glória, como também o relicário do heroísmo.

No frontespício seria colocada a seguinte inscrição: *Homenagem do Imperador Napoleão ao Grande Exército.* No interior dispôr-se-iam todas as bandeiras e trofeus tomados ao inimigo, que se encontravam provisòriamente guardados nos Inválidos. A cada marechal de França seria ali levantada uma estátua. Em baixos relevos apareceriam representados os coroneis, comandantes dos regimentos, agrupados à volta dos seus generais. Além disso, seriam inscritos os nomes de todos, desde o do mais brilhante oficial ao do mais humilde soldado, os componentes do «Grande Exército», não esquecendo, evidentemente, o nome de todos aqueles que, sob a bandeira tricolor e as águias imperiais, tinham encontrado a morte gloriosa nos campos de batalha.

Todos os anos no dia 2 de dezembro seria ali celebrada uma festa em honra das virtudes guerreiras.

Em 1807, uma vez aprovado o projecto do arquitecto Pedro Vignon, iniciavam-se os trabalhos dos fundamentos no terreno situado à esquina da rua Royale e do *boulevard* dos Capuchinhos.

Porém, antes que a construção estivesse concluída, a estrêla de Napoleão começou a empalidecer e a águia agonizante, depois de haver tentado o último vôo, caíu para sempre, ferida de morte, em Waterloo.

As flores de lis vieram expulsar as abelhas de oiro, e os Bourbons, não tendo nem a clarividência, nem a nobreza moral para compreenderem que qualquer acto tendente a ocultar as glórias do «Grande Exército» era uma afronta mortal feita, não ao prisioneiro de Santa Helena, mas à França que jàmais, decerto, veria outra pléiade de heróis, de super-homens, de prodigiosos semi-deuses fazer soar as trombetas francesas nos quatro cantos da Europa e içar a bandeira tricolor nos palácios reais de Berlim, Nápoles, Madrid, Lisboa e Moscovo, ordenaram a suspensão dos trabalhos. E converteram o monumento que, construído à semelhança da casa quadrada de Nimes, apresentava todas as características dum templo pagão, numa igreja. É hoje a célebre igreja da Madalena.

Deve-se lamentar que a intransigência dos Bourbons tivesse impedido a realização do projecto do Imperador, pois semelhante monumento falaria mais eloqüentemente à posteridade da epopeia napoleónica do que todos os livros que, quer em prosa, quer em verso, até à data, têm sido publicados.

Se o pensamento de Napoleão tivesse sido fielmente executado, isto é, se o monumento à Glória se levantasse hoje à esquina da rua Royale e do *boulevard* dos Capuchinhos, ninguém, pelo menos aqueles que possuíssem um pouco de espírito evocador, que transpuzesse os umbrais dêsse templo de esplendor e de fôrça, ao contemplar as bandeiras e os trofeus tomados ao inimigo, poderia deixar de ver tôda a maravilhosa epopeia de heroísmo que o «Grande Exército» escreveu na História.

E, ao ler os nomes inscritos, ninguém igualmente poderia deixar de ver todos êsses homens extraordinários que ajudaram a escrever a grande epopeia.

Diante dos nossos olhos desfilariam todos êsses heroicos guerreiros:

Desfilariam os granadeiros, fardados de branco e azul, com os seus enormes e peludos *oursons;* os sapadores, com os seus grandes aventais de coiro, levando a tiracolo o mosquete e o machado tradicional; os mamelukos, com os seus turbantes de musselina branca rematados pelo crescente de oiro; os dragões, com os seus grandes capotes brancos e os seus capacetes de cobre enfeitados de penachos vermelhos; os lanceiros, com os seus brilhantes *schapskas;* os couraceiros, revestidos de aço pulido, com as *crinières,* presas aos capacetes de aço e cobre, flutuando ao vento; os hussardos, com as suas peliças forradas de pele a tiracolo e os seus *kolbacks* empenachados; os carabineiros, com os seus uniformes azul celeste, couraças douradas e grandes capacetes (semelhantes aos dos heróis de Homero) em cobre igualmente dourado, ornados da *chenille* vermelha...

Em suma: desfilaria tôda essa pléiade de heróis que, percorrendo a Europa de vitória em vitória, deram aos poetas o tema duma nova Ilíada!

E, no meio dessa pléiade de heróis, hoje — hoje que tanto se fala em Dantzig — apraz-me evocar o nome, a figura e os feitos do marechal Lefevre, aquêle que, há cento e trinta e dois anos, depois de ter assistido ao desfile da guarnição vencida e recebido a espada do comandante da praça, o marechal conde de Kalckreuth, entrou triunfante em Dantzig.

«Todo o soldado francês — disse um dia Napoleão — tem na sua cartucheira um bastão de marechal; a questão é saber tirá-lo.»

Lefevre era o vivo exemplo dessa frase, pois fôra cometendo prodígios de heroísmo que êle — antigo soldado de Luíz XVI — conquistara todos os seus galões e alcançara, finalmente, o bastão de marechal de França.

Contudo, jamais, ao contrário de tantos outros e tantas outras, o glorioso cabo de guerra a quem a bravura e a sorte haviam erguido às mais elevadas culminâncias da fortuna e da grandeza, esqueceu, ou procurou fazer esquecer, a humildade do seu nascimento e a modéstia dos seus princípios.

Era um arrivista, um filho dos seus próprios feitos, como então se dizia. Ninguém o ignorava e Lefevre queria que ninguém também ignorasse que êle, longe de se envergonhar, se orgulhava dêsse facto como do seu mais belo título de glória.

Tôdas as vezes que algum personagem de distinção o visitava no seu palácio de Paris, o marechal, ao fazer-lhe as honras da casa, já que não tinha, como os gentis-homens do antigo regime, nem retratos de antepassados, nem árvores genealógicas para êle ver, mandava abrir na sua presença uma série de armários e mostrava-lhe o seu conteúdo.

Achavam-se ali guardados um trajo completo de aldeão alsaciano e uma série de uniformes chamuscados pela pólvora e rasgados pela ponta das baionetas.

Era o traje de aldeão alsaciano que êle usara em Ruffach, no moinho paterno, até ao dia em que, com dezoito anos, obedecendo a uma vocação irresistível, correra a alistar-se. Era a farda de soldado com que — êle que em Notre Dame, na sagração de Napoleão, havia de conduzir a espada de Carlos Magno — assistira em Reims, perdido entre o povo, à coroação de Luíz XVI. Era a de sargento que envergava à data da tomada da Bastilha. Era a de tenente, revestido da qual correra em defesa da Pátria invadida pelos prussianos. Enfim, eram todos os uniformes, desde o de capitão ao de general, que as sucessivas promoções por distinção, devidas aos seus brilhantes feitos de armas, lhe tinham feito, em menos de três anos, vestir e despir.

Perante êsses velhos uniformes, chamuscados pela pólvora e rasgados pela ponta das baionetas, que representavam os cantos do poema épico que fôra a vida do marechal Lefevre, o visitante inclinava-se respeitoso, concordando que era mais belo, realmente, ter-se aquele passado glorioso do que possuir-se o brazão em Versalhes, na sala das Cruzadas.

Napoleão estimava muito Lefevre. O corso imortal, que nada esquecia, também não podia esquecer que devia, em parte, a sua corôa imperial a Lefevre.

De facto, se no 18 Brumário, na hora mais crítica e decisiva da vida de Bonaparte, Francisco Lefevre, que então era comandante da 17.ª divisão militar, isto é, governador de Paris, não houvesse corrido, à frente dos seus granadeiros, a colocar-se ao seu lado, nunca êle, decerto, teria envergado a farda vermelha, recamada de oiro, de Primeiro Cônsul e, por conseqüência, lançado mais tarde sôbre os ombros o manto imperial de arminhos brancos.

Napoleão estimava muito Lefevre. Estimava-o e admirava-o pela sua indómita bravura e maravilhoso sangue frio. Lefevre era sempre para Napoleão o heróico general que, na batalha de Fleurus, quando, devido à explosão do depósito de pólvora, tôda a sua divisão (que já estava a combater no meio dum incêndio) se vira, de repente, envolvida num círculo de fogo e, completamente desmoralizada, começara a recuar, lhes levantara o moral com algumas palavras enérgicas e, lançando-se através das chamas, imediatamente seguido por todos, caira sôbre os austríacos, desalojando-os da importantíssima posição de Lambusart, sem a tomada da qual a vitória não teria cabido aos franceses; que na batalha de Altenkirchem tomara ao inimigo 4 bandeiras, 12 canhões e fizera 3.000 prisioneiros; que na batalha de Stockach, apenas com 8.000 homens, e gravemente ferido num braço, detivera 56.000.

Nessa altura, o Directório recebera-o em Paris solenemente, como era uso na antiguidade acolher-se os generais vencedores, e oferecera-lhe, num gesto de homenagem, uma armadura de honra. Por sua vez, Napoleão, que já anteriormente o havia feito marechal, senador, *grande aigle* da Legião de Honra e comandante da artilharia a pé, dessa élite das élites que era a Guarda Imperial, decidiu, em 1807, confiar-lhe uma missão que, uma vez executada, lhe permitiria conceder-lhe uma nova dignidade.

Lefevre, como de resto quási todos os marechais do «Grande Exército, não era um grande general capaz de conceber um complicado plano estratégico. Mas era um grande comandante, um comandante para marchar à frente de todos, calmo e impávido sob o fogo do inimigo, indiferente à morte que chovia em redor, electrizando os soldados e oficiais com a sua chama sagrada — a chama sagrada do heroísmo que êle possuía no mais alto grau — a ponto de os tornar capazes das maiores temeridades e dos maiores sacrifícios.

Nada mais era preciso para levar a cabo a missão de que o ia incumbir. O plano já estava traçado por êle próprio, Napoleão, com o concurso do general de artilharia Lariboisière e general de engenharia Chasseloup.

Essa missão era tomar aos prussianos a cidade de Dantzig.

Estava-se em 1807. No outono do ano findo, Napoleão, desta vez absolutamente provocado pelo rei Frederico Guilherme III que lhe enviara um ultimato repleto de ameaças e de insultos, invadira a Prússia.

O rei Frederico Guilherme, ou por outra, a rainha Luíza, que fôra a verdadeira autora da provocação, queria ver correr sangue francês. Êle correu, realmente, mas foi o prussiano, sobretudo, e o mais nobre, o mais jovem e o mais generoso que, derramado, aliás com o maior heroísmo, correu em torrentes em todos os campos de batalha.

De Schleitz a Saalfeld, de Saalfeld a Iena e de Iena a Auerstaedt, as águias imperiais voaram de triunfo em triunfo, e, a 22 de Outubro, como outrora os generais romanos, Napoleão, à frente do «Grande Exército», fêz a sua entrada triunfal em Berlim — a capital do Estado vencido. Era a primeira vez que o novo César usava dos direitos de guerra para exigir as honras do triunfo.

Depois de haver reduzido a monarquia prussiana, o Imperador embrenhou-se para o Norte ao encontro dos russos e foi acantonar em Posen. Ocupava tôda a linha do Vístula, desde Varsóvia até Thorn, enquanto os russos, reünidos aos restos do exército prussiano, ocupavam as margens do Narew.

Porém, Napoleão, que resolvera estabelecer na linha do Vístula os seus quartéis de inverno, não quis deixá-los nessa posição. Resolveu dar-lhes batalha, afim de os rechaçar para o Niemen e para a Lituânia e, ao mesmo tempo, cortar-lhes as comunicações com o mar. Após uma série de combates gloriosos travou-se, a 8 de Fevereiro de 1807, a sangrenta batalha de Eylau e o imperador, decidido a empregar o resto do inverno na conquista da importantíssima praça de Dantzig, veio acantonar desta vez no baixo Vístula.

O marechal Lefevre, que, como comandante da artilharia a pé, da Guarda Imperial, acabava de colher novos louros nas batalhas de Iena e de Eylau, achava-se também no baixo Vístula junto do Imperador.

— Vês esta planta? — disse-lhe, um dia, Napoleão, apontando para um papel estendido sôbre a sua mesa de trabalho. É a planta da cidade de Dantzig traçada por um engenheiro de grande valor, o general Chasseloup. Dantzig é o último baluarte da realeza da Prússia. É preciso tomarmos esta praça, porque enquanto ela permanecer nas mãos dos prussianos e dos russos a todo o momento a nossa posição poderá ser atacada pelo flanco esquerdo. Além disso, com a enorme quantidade de víveres que se encontram armazenados em Dantzig, arranjaremos com que alimentar o «Grande Exército» durante mais de um ano.

Na bôca do Imperador, a expressão «É preciso» traduzia-se por «Eu quero» e «Eu quero» para êsses soldados que viam nêle o homem que impunha leis à Europa, o árbitro do destino, significava «Está escrito».

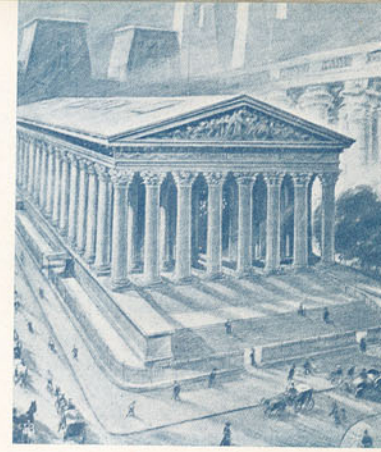
— Havemos de tomar Dantzig — respondeu tranqüilamente o marechal; havemos de abater êsse último baluarte do rei da Prússia.

— Dantzig — continuou Napoleão — passa por ser inexpugnável. Na realidade não o é, mas, em todo o caso, há-de ser extremamente difícil tomá-la. Foi por essa mesma razão — acrescentou, fixando atentamente Lefevre — que

HÁ CENTO E TANTOS ANOS...

A TOMADA DE DANTZIG PELO "GRANDE EXERCITO"

Como Lefevre conquistou esta fortíssima cidade



Igreja da Madalena

Planta de Dantzig estudada por Napoleão

decidi confiar-te a missão de a tomar aos prussianos.

— A mim?! — exclamou o marechal no auge do espanto — A mim, quando há outros muito mais competentes e muito mais sabedores! Eu entendo lá alguma coisa dêsses trabalhos de engenharia!

— Nem é preciso — redarguiu o imperador. Entende o general Chasseloup e cá estou eu para resolver todos os problemas. Mas para que as minhas decisões sejam coroadas de êxito necessito absolutamente do teu concurso.

De resto — acrescentou com êsse sorriso encantador, que, de longe em longe, iluminava o seu rosto pálido — quero que tomes Dantzig, a-fim-de que, quando regressarmos, possas contar qualquer feito pessoal na sala do Senado!

Vencido por estas palavras tão afectuosas, o marechal inclinou-se e respondeu:

— O meu Imperador pode estar certo de que eu, com os meus granadeiros, havemos de tomar Dantzig!

— Sim, com os teus granadeiros evidêntemente — replicou Napoleão, sorrindo. Porém Dantzig não é uma praça, nem desmantelada, nem desguarnecida, para que os teus granadeiros a possam tomar imediatamente de assalto. Hás-de tomar Dantzig com os teus granadeiros mas, sôbretudo com isto — acrescentou indicando o rolo de papel onde se achava o seu plano. Executa-o à risca e verás como, dentro de alguns meses, farás, como eu em Berlim, a tua entrada triunfal na cidade de Dantzig.

Qual era, realmente, a praça que, a não ser que a fatalidade se opusesse, poderia resistir a um plano concebido pelo Imperador, com o auxílio dos generais Chasseloup e Laribisière, e posto em execução pelo marechal Lefevre?

No dia seguinte, Lefevre recebia a visita do general de engenharia Chasseloup e do de artilharia Laribisière que, com a maior deferência, lhe expuseram o plano do Imperador, fazendo-lhe ao mesmo tempo ver tôdas as dificuldades que teria, sucessivamente, de vencer para tomar a cidade.

Dantzig já não era de facto, como no ano anterior, uma praça desmantelada e desguarnecida que se poderia tomar imediatamente de assalto. O rei da Prússia, compreendendo que aquela grande cidade comercial com saída para o mar, era a cidadela do seu reino e que, enquanto essa cidadela estivesse nas suas mãos, poderia ameaçar a posição dos franceses no baixo Vistula, mandara-a fortificar admiravelmente, dera-lhe um excelente comandante e uma numerosa guarnição composta de 18:000 homens, sendo 14:000 prussianos e 4:000 russos.

O marechal Kalckreuth — o enérgico marechal que acabava de condenar à morte o comandante de Stettin por êste, sem combate, ter entregue a praça aos franceses — oporia, certamente, a mais tenaz resistencia, tanto mais que possuía mantimentos para mais de um ano, e abundantes munições.

Não era, realmente, pequeno adversário êsse marechal Kalckreuth — o Nestor do Exército Prussiano, como lhe chamavam — veterano da guerra dos sete anos e discipulo do grande Frederico, que, ao entrar em Dantzig, investido do comando, principiara por mandar incendiar os ricos arrabaldes da cidade, a-fim-de privar o sitiante de todo o abrigo, e por levantar uma fôrca para fazer executar todo aquele que falasse em capitular.

Além disso, a cidade de Dantzig, estava situada numa posição, cujo acesso era extremamente difícil.

O Vistula, como todos os grandes ríos, tem o seu delta. A 15 léguas de distância do Báltico, um pouco abaixo de Mewe, dividia-se em dois braços abrangendo um terreno chamado ilha de Nogath. O braço da direita lançava-se com êsse nome no golfo de Frisch-Haff. O da esquerda, que conservava o nome de Vístula, corria directamente para o Norte, até que, a uma légua de distância do mar, virava para Oeste e, depois de haver costeado um banco de areia de 7 ou 8 léguas, voltava novamente para o Norte e lançava-se no Báltico.

Dantzig, assente no braço esquerdo do Vístula, aquele que conserva o nome, distava do mar vinte e duas toezas. O forte de Weichselmünde, regularmente construído, fechava a bôca do rio. Para facilitar o trajecto com a praça haviam construído o canal de Laake. Entre êsse canal e o rio existia a ilha de Holm. Dominavam a ilha e o canal numerosos redutos que formavam as duas saídas para o mar. Finalmente, a praça, situada na margem do Vístula, atravessada pela ribeira de Montlau, cercada por estas águas reünidas, encerrada num recinto abaluartado de vinte frentes, era de dificílimo acesso por se encontrar cercada por águas que não se podiam esgotar.

Dantzig cercada ao Norte, a Leste e a Oeste por terrenos inundados, onde era impossível abrir trincheiras, seria inacessível se não fôsse ser dominado por alturas arenosas que terminavam em declives junto ás muralhas.

Por essas alturas arenosas é que a cidade havia sido geralmente atacada, de modo que o defensor não deixaria de se apossar imediatamente delas, coroando-as duma série de fortificações que formassem um segundo recinto.

Uma vez tomado o duplo recinto, que existia no cume, poder-se-ia fazer contra a cidade um fogo mergulhante, ao qual dificilmente ela resistria. Todavia êsse recinto era muito difícil de atacar.

As fortificações de Dantzig eram feitas de terra, e, em vez de escarpas de alvenaria, apresentava taludes arrelvados, ao pé dos quais havia uma fila de enormes palissadas, com 15 polegadas de diâmetro, muito próximas umas das outras e profundamente encravadas na terra. Os projécteis e as bombas podiam danificá-las, mas não arrazá-las por completo.

Na retaguarda do talude achavam-se suspensas por cordas uma quantidade de enormes traves que, em caso de ataque, deviam ser arremessadas sôbre os assaltantes. Fora isso, em todos os ângulos reentrantes do recinto, haviam construído *blokaus* de madeira grossíssimos, cobertos de terra, de modo a torná-los quási impenetráveis, tanto aos projécteis como às bombas.

Enquanto os dois generais expunham o plano, Lefevre, sonhava já com inumeras sortidas que à frente dos granadeiros teria que repelir e, na hora do assalto final, quando à frente também dos seus granadeiros, provaria mais uma vez, que nada resistía à escalada dêsses gigantes.

Depois de haverem apresentado as suas despedidas ao Imperador, o marechal Lefevre, Chasseloup e Laribisière com as suas fôrças marcharam para o Norte.

(continua)

EUNICE PAULA

RECURSOS DE GUERRA

Todos sabem, uns, por terem nela participado, outros por tê-la visto de perto e de perto terem sofrido os seus conseqüêntes horrores, e ainda outros pelo que lêem nos jornais, todos sabem a grande catástrofe que é uma guerra.

Mas há outras coisas, além das risonhas juventudes ceifadas pelas metralhadoras e mais engenhos de destruïção, há outras crises, além da alimentação em dúvida para um futuro próximo.

Há o problema da indumentária, desde a camisa ao casaco de agasalho.

Mais ou menos, nos países em guerra, êsse problema é solucionado satisfatóriamente, embora com mais pesados encargos.

Mas, num país ocupado pelo inimigo, o problema do vestuário não tem tão fácil solução.

As indústrias param a sua produção e, se continuam, é sempre em proveito do povo intruso.

Os comandos tudo requisitam e tudo mandam para a sua terra.

Eu posso falar de cátedra, como se diz, porque estive quatro anos na Bélgica ocupada pelos exércitos do Kaiser, e sei o que isso é, porque tudo sofri com os belgas.

De comer, o que havia era o que o campo dava, e tôdas as raízes se aproveitavam bem, como as cenouras, os nabos, beterrabas, e outras congéneres, de que antes pouco ou nenhum uso se fazia.

Café, era tudo, menos café. O pão, negro e elástico. Manteiga, nem o cheiro. As coisas boas iam tôdas para a Alemanha.

Lembro-me de que andei alguns quilómetros sôbre a neve, para ir a um arrabalde de Liége comprar, por desejo dum filho doente, uns gramas de manteiga, a quarenta francos o quilo, e vendida em segrêdo, não fôssem os invasores levá-la para seu uso exclusivo.

Açúcar, toucinho e banha, havia apenas de longe em longe, e mandados pelos Estados Unidos da América, para a população belga.

E era racionada e distribuída em bicha.

★

O vestuário, que é a parte principal desta crónica é que inspirou aos belgas uma ideia interessante, se não genial, para a época.

Como as tropas invasoras fazia em tôdas as casas, estabelecimentos e habitações particulares, a requisição de lençois e cobertores, e como faltava fazenda ou era carissima essa pouca que aparecia, tingiam-se os cobertores para confeccionar casacos no inverno, e faziam-se o mesmo aos lençois no verão, para termos vestidos.

Sempre se ganhava alguma coisa, e era melhor do que ficarmos mal agasalhados em proveito do inimigo.

As tinturarias ganharam bom dinheiro.

Num dado momento, até se fizeram buscas nas fábricas de tingir, para apanhar os cobertores que ninguém tinha em casa, mas êles estavam a bom recato e escapavam.

Os próprios agasalhos se estendiam, depois, sôbre as camas, com tudo o mais que houvesse, para tapar a gente de noite.

E garanto que alguns cobertores dão lindos casacos.

Eu tive um dum cobertor de lã, francês, que me fez os quatro anos de guerra, e ainda aqui andei com êle em Lisboa bastante tempo.

Não vesti, desde então, nenhum que me agasalhasse tanto. E substituiu muito bem o meu lindo casaco de lontra, que tive de vender para acudir às necessidades dos meus filhos.

★

Se os vestidos das senhoras no verão eram talhados nos lençois tingidos da côr preferida, a roupa de baixo fazia-se das toalhas de meza.

Para estender na mesa, qualquer pano limpo servia e os artigos de roupa, branca faltavam.

Portanto, toca a talhar camisas, calças e combinações, nas toalhas adamascadas.

Eram um pouco espessas de mais para o verão, mas que remédio.

Antes isso, do que vermo-nos despojadas de tudo pelos invasores, e termos de andar remendadas.

Roupa de cama e roupas de mesa foram optimos recursos de guerra, então, e é essa ainda uma maneira de responder á ganância de certos comerciantes que querem enriquecer à custa da desgraça do seu povo, nos países em guerra ou à margem dela.

Se o velho ditado diz que «em tempo de guerra não se limpam armas», devemos acrescentar que é necessário saber ter roupas limpas sem carecer de nos sujeitarmos às mil e uma especulações tão afrontosas como as bocas dos antigos bacamartes que apareciam na Falpêrra.

Já sabem as elegantes portuguesas o que hão-de fazer, se o açambarcador mostrar de mais as garras.

Uma boa lição para os gananciosos.

Um cobertor, um lençol, uma toalha, e pronto.

E não é preciso um prestidigitador.

Cada boa dona de casa faz essa «sorte» maravilhosa.

MERCEDES BLASCO

Uma das muitas aulas do curso dee defesa contra a guerra química

MISÉRIAS DA CIVILIZAÇÃO

A Colónia da Guiana, galé francesa na América do Sul

Homens tratados como se fôssem escravos

Às dezassete horas, quando regressa à caserna, êste galeriano é avisado de que terá de cumprir quinze dias de «cachot»

NA parte setentrional da América do Sul, ao norte do Brasil, estende-se uma vasta região, confinante com o Oceano Atlântico, cujas costas foram descritas pela primeira vez por Vicente Pizão.

A elas chegou Colombo em 1498 e êste vasto país, semeado de imensas florestas, e em que se dizia haver ouro em abundância — era aqui o famoso El-Dorado — foi muito cedo percorrido por vários aventureiros e largamente disputado, durante bastantes anos, por portugueses, espanhois, franceses, ingleses e holandeses.

Após vicissitudes que não vêm ao caso, encontra-se a Guiana dividida pelas três últimas nações atrás indicadas.

A Guiana francesa, a mais pequena das três, é dividida da sua vizinha holandesa pelo rio Maroni que tem, como todos os cursos de água destas regiões, grandes e numerosos rápidos, e é formada, além da parte continental, por três pequenas ilhas, cognominadas, certamente por ironia, de Ilhas da Saúde, e numa das quais, a Ilha do Diabo, residiu Dreyfus durante cinco anos.

Estas ilhas são situadas ao largo da embocadura do Kourou. Caiena é a capital da colónia.

Na verdade, não pode haver saúde numa região como esta, com um clima em extremo insalubre, em que no espaço de uma hora chove torrencialmente e faz um calor tropical, em que a temperatura é ora elevada, ora muito baixa.

Mas é lindíssimo o aspecto que todos estes terrenos oferecem, principalmente quando vistos do mar: a vegetação é exuberante e luxuriante — com calor e água em abundância as árvores e os arbustos desenvolvem-se a olhos vistos e a riqueza da flora é notabilíssima, pois se encontram as mais variadas e lindas espécies vegetais.

Manhãzinha. O Sol, o astro-rei, começa a levantar-se em sua majestade imponente e a dourar, com seus raios vivificadores, o cimo de tôda esta vegetação.

Talvez, se algum dia lá formos, esta terra nos lembre, pela imensidade das florestas, a nossa aldeia serrana, completamente rodeada de pinheirais, com seu despertar alegre pelo cantar estridente dos galos, pelo doce piar dos passaritos e pelo monótono chocalhar das ovelhas nos redis.

Mas mal sôam as cinco horas, logo o nosso pensamento se desviará destas divagações românticas, pois a atenção é desviada por um forte e repetido toque de tambor.

É que estamos numa colónia penal francesa, na galé da Guiana.

Mas a galé existe ainda? É verdade.

E mais: é a França, a nação civilizada em extremo, que a possue.

* * *

Se a Itália foi o berço da civilização latina, a França é hoje o mais lídimo representante dessa civilização.

Da velha Roma partiram as hostes aguerridas que dominaram todo o ocidente da velha Europa, impondo-se, tanto pela cultura como pelo poder guerreiro do Império dos Césares, aos indígenas, semi-selvagens, que topavam nas regiões a que se dirigiam.

Depois, séculos passados, o império latino ruíu com fragor ante as invasões das hordas que vinham do Oriente.

Os barcos das autoridades francesas têm forçados por tripulantes

Mas o nível de cultura dos romanos era muito mais elevado do que o dos novos dominadores; o luxo, a arte, a literatura romanas deslumbraram os novos senhores da Europa que, vencedores pelas armas, se tornaram em escravos pela assimilação que fizeram dos hábitos e costumes da pátria de Júlio César e de Nero — ambos imperadores, mas dois elos opostos duma mesma cadeia.

Porém uma invasão de bárbaros, empregado êste termo não na acepção latina de «povos situados além-fronteiras» mas na vulgar de «populações selvagens», provoca sempre ruínas e paraliza também actividades que são compatíveis apenas com uma paz duradoira e um sossêgo e repouso que não sejam perturbados.

Debaixo dos escombros do império romano ficou uma grande parte, e sem dúvida a melhor, dessa civilização florescente e culta.

Daí o ter-se dado uma regressão que teve o princípio do fim com os primeiros alvores da Renascença e se tornou em aperfeiçoamento contínuo e em galope desenfreado — releve-se-nos a expressão — à conquista de mais e melhor a partir da epopeia portuguesa dos Descobrimentos.

Mas a verdade é que, por várias razões talvez políticas, talvez geográficas, talvez de temperamento dos habitantes, o centro da nova civilização transmutou-se para França e principalmente para a sua capital, Paris, a deslumbrante *Cidade da Luz*.

E hoje em dia, tantos anos já passados, a França, essa pátria de Balzac, de Pasteur, de Renan, de Poincaré, continua sendo o farol potente que ilumina todo o Orbe.

Lá se respira o ambiente propício a um labor intelectual profícuo; o seu povo é o mais culto do velho Continente; o civismo dessa mesma população está acima de todos os elogios — hoje mesmo o vemos brilhar na luta que trava com a Alemanha; o seu espírito é dos mais finos e elegantes; a tolerância dêste povo, mercê do sistema político que o rege, em harmonia com o bom-senso que o domina, é proverbial.

É por isso mesmo que para nós, latinos, a França é a segunda pátria; a França é a terra onde, nomeadamente nós os portugueses, vamos procurar, mais do que a nenhum outro país estrangeiro e depois que esgotamos as fontes nacionais, a cultura de que o nosso espírito é ávido.

E pôsto assim aquilo que pensamos àcêrca da França — essa nobre e grande Nação a quem hoje, mais do que nunca, queremos e devemos prestar a maior homenagem — acentuemos agora a surprêsa que nos invade perante a atitude dos franceses em face do crime e dos seus autores.

Desde que um cidadão se colocou sob a alçada da lei, desde que um indivíduo é judicialmente responsável por uma violação da ordem jurídica estabelecida, tôda aquela elegância espiritual dos franceses, a tolerância de que são revestidos, desaparece para dar lugar a um ódio feroz ao prevaricador, que é perseguido sem dó nem piedade.

Já o francês torna a ser todo hospitaleiro quando o crime de que se trata é político e não afectou em nada a Nação Francesa.

Para os conspiradores estrangeiros refugiados é todo carinho e benevolência; para o criminoso de direito comum é inexorável.

Questão de sentimento? Por motivo de entenderem que, em vista do regime de liberdade de que disfrutam, ninguém deve perturbá-lo e de que aquele que o fizer deverá ser considerado à margem da Sociedade? Por repulsa do civilizado ante a manifestação de brutalidade da «besta humana»? Por arreigado espírito patriótico, que considera anti-nacional faltar ao cumprimento dos deveres que a lei impõe? Ou por qualquer outra razão?

Não sabemos e nem talvez êles próprios o saibam explicar; provàvelmente de tudo um pouco.

Que tal hostilidade é comum, demonstra-o o facto de existir ainda em todo o Império a pena de morte, que o humanitarismo do séc. XIX conseguiu, e muito bem, fazer abolir em tantos países; a existência da colónia penal da América, dos galerianos da Guiana — de cujo *habitat* vamos dar alguns pormenores baseados em relatos de vários homens de letras que conseguiram visitar o presídio — é disso prova irrefutável.

* * *

Logo que são cinco horas, como dissémos um tambor anuncia a alvorada.

As casernas são abertas e os galerianos saiem para o trabalho.

Conforme os locais, assim varia a natureza da ocupação: em Caiena, por exemplo, ela consiste em limpar as ruas e trabalhar nos edifícios públicos.

Mas em São Luiz de Maroni e outros presídios a tarefa é mais complicada: dada a proximidade das grandes florestas cada forçado tem obrigação de, no tempo que lhe aprouver, mas antes das dezassete horas, cortar um metro cúbico de madeira.

Às dez horas o trabalhador vem receber a segunda ração, pois a primeira foi lhe entregue ao iniciar a tarefa; às dezassete horas recolhe à caserna, depois dos guardas, que durante todo o dia não deixaram de os vigiar, terem conferido o número e identidade dos prisioneiros.

Os vigilantes são da maior rispidez e severidade para com os deportados.

Ainda assim, o forçado engana, sempre que pode, os guardas, cujo cuidado e rigor ao medir o estere da madeira chega ao exagêro.

O forçado deixa espaços vazios no interior da pilha para mais depressa prefazer o volume regulamentar; porém, logo que a fraude é descoberta — e é-o no momento de se carregar em vagãos a madeira, mais tarde transbordada para navios que a levam para as nações americanas ou a conduzem até à Europa — é castigado com o dôbro do trabalho e, às vezes, ainda com ração reduzida.

O forçado em geral trabalha nú; os golpes intermitentes do machado ressoam lúgubres pela floresta nestas lindas manhãs do trópico, e com o estalar das fibras da madeira desfazem-se também — se não desapareceram já de todo — as fibras do sentimento dêstes desgraçados que para aqui estão, postos à margem por uma sociedade que tantas vezes é a única culpada dos êrros que êles cometeram.

Alcatraz e Sing-Sing, as prisões americanas cujos regimes são apontados como os mais severos do Mundo, podem considerar-se paraíso ao lado da galé da Guiana.

O dinheiro, as bebidas, os divertimentos são aqui proïbidos; o condenado a sete anos de prisão ou mais é obrigado a, uma vez terminada a sua pena, fixar residência na Guiana; aquele cuja pena é menor vê-a, em geral, dobrada, logo que termine a reclusão a que estava adstrito.

Êste desgraçado revoltou-se contra a disciplina. O isolamento e os ferros são o terrível castigo que lhe coube

As mais pequenas faltas que os condenados cometam têm sanções terríveis, que vão desde o *cachot* — calaboiço infecto e imundo, subterrâneo, em que é impossível resistir com vida mais de três mêses — até à pena de morte, sendo freqüente o guilhotinamento dos prisioneiros.

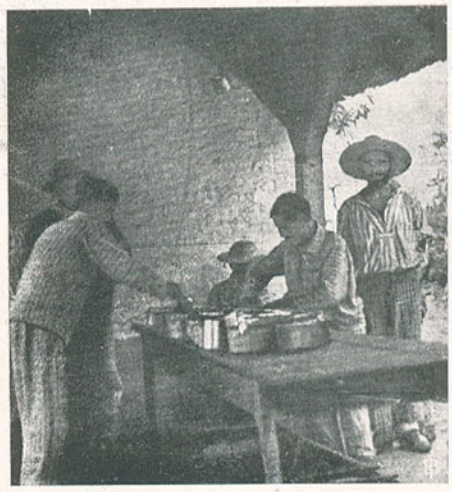
A evasão é quási impossível: do Arquipélago da Saúde, de que a ilha Royal é reservada aos galerianos mais perigosos, a ilha de São José aos castigados no próprio presídio e a do Diabo aos presos políticos, nunca nenhum fugitivo se conseguiu salvar. Não há barcos e ninguém, excepção feita às autoridades francesas, lá pode aportar.

A ânsia de liberdade é porém tão grande, que os prisioneiros embarcam até em simples pranchas sustentadas por nozes de côco a servirem de flutuadores, mas o certo é que ou são apanhados pelos guardas ou se perdem para sempre no mar infindo, pois não podem pensar em aportar a qualquer sítio da costa.

Da parte continental também não é fácil a fuga, embora pareça o contrário, vista a relativa liberdade que os presos têm enquanto executam a tarefa diária do corte da madeira.

Mas é que as feras que de noite infes-

Os leprosos vivem nas cabanas que se vêem no segundo plano; a ilha de S. Luiz do Maroni é sua prisão eterna



Preparando o triste rancho dos gafados

tam a floresta e os tratados de extradição que existem com a Guiana holandesa, onde o fugitivo tem necessàriamente de dirigir-se, pois não vai aventurar-se a atravessar tôda a região amazónica, são obstáculos muito sérios com que há a contar.

Além disso os indígenas, da raça caraíba, são perseguidores implacáveis dos galerianos, porque a administração francesa recompensa-os sempre que *cacem* um evadido e castiga-os severamente logo que sabe que lhe deram qualquer auxílio, embora diminuto.

Enfim, à entrada de todos os presídios da Guiana, poder-se-ía escrever a caracteres de fogo a célebre frase que Dante diz gravada na porta do Inferno: «O' vós que aqui entrais, deixai à porta tôda a esperança».

Nunca a frase teria sido mais verdadeira!

Chegadas que sejam as dezassete horas, distribuída a terceira e última ração do dia, conferidos os prisioneiros, anunciada a punição daqueles que a mereceram ou que os guardas entenderam que a mereciam, são os galerianos encerrados na sua caserna até à manhã seguinte. Apenas de tempos a tempos uma ronda vem verificar se tudo está em ordem.

Mas logo que os guardas viram costas, começa a beber-se e joga-se animadamente o *baccará* e exibem-se notas, algumas de mil francos.

Como é que sendo proïbido e com uma disciplina tão rígida os condenados conseguem ter tudo com relativa abundância? Donde lhes provém? Como e onde o guardam? Mistério.

Sabe-se apenas que chegam a esconder o dinheiro, acondicionado em tubos finíssimos, nas próprias entranhas.

Lá para as vinte e três horas, já tontos pelo sono e pela embriaguez, começa o sossêgo, perturbado freqüentemente pela vingança que algum projectou.

De súbito qualquer objecto quebra o candeeiro de petróleo que ilumina tôda a noite a caserna. Passam uns momentos de silêncio.

Depois um rumor de luta, seguido de gritos lancinantes de socôrro.

Quando a guarda chega, com luz, jazem no chão dois ou três homens, tendo embebida uma faca — também os instrumentos cortantes são absolutamente proïbidos — entre as espáduas.

E raramente se descobrem os autores dos homicídios.

Os mais visados nestes assassinios são os prisioneiros que se tornaram espiões ou algozes e uns e outros são ainda mais odiados que os próprios guardas.

Outras vezes o crime teve por origem o ciúme, pois nesta prisão, talvez com maior acuidade do que em todas as outras, se põe o terrível problema sexual. E êsses homens fracos e viciosos, que são na sociedade objecto do desprêso geral, são aqui, nesta prisão, uns eleitos da fortuna, amimados e considerados pelos companheiros. A que ponto pode chegar a degradação humana!

Há condenados que perdem a razão...

Para os doentes dispõe cada colónia penal de um hospital, aliás bastante rudimentar.

Há porém uma doença, que com relativa assiduïdade visita os galerianos e para a qual não há cura possível: é a lepra.

Os gafados não vão para o hospital; são sim desembarcados na ilha de São Luiz, na foz do Maroni.

Periòdicamente são lançados para lá víveres. Nenhum sêr humano, que não esteja contaminado pelo terrível mal, aprôa a esta ilha; apenas um padre e três religiosas lá vivem há algumas dezenas de anos, sem que tenham sido contaminados.

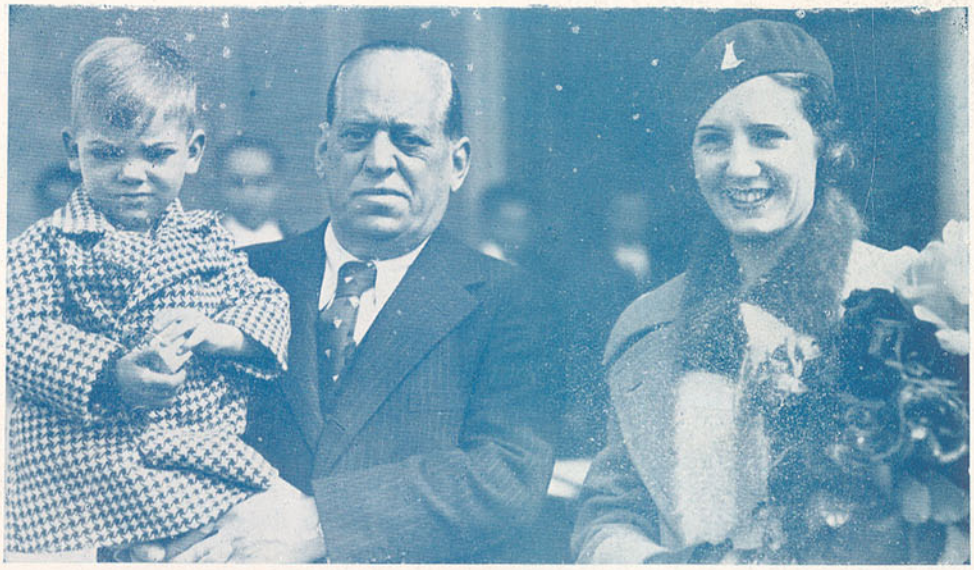
E uns trabalhando, quotidianamete, sob um disciplina férrea; outros sofrendo nas masmorras castigos severíssimos por culpas levissimas; os presos políticos revivendo na Ilha do Diabo projectos antigos que lhes trouxeram a desgraça do presente; finalmente, os leprosos, como sêres ainda mais distanciados do comum dos mortais, lutando contra a doença na sua ilha, em permanente quarentena — todos êles se sentem agrilhoados a esta terra ubérrima mas traiçoeira, esperando, hora a hora, a Morte que os libertará de tão duro cativeiro.

...A estrêla solar, indiferente, continua enchendo de vida, de calor, de luz e de alegria êste quadro, simultâneamente poético e trágico, onde a Natureza se mostra em tôda a sua pujança e o Homem desenvolve esfôrço de Titan para que a possa dominar.

GASPAR DA CRUZ FILIPE

De manhã o forçado vai pela floresta em procura da árvore de mais fácil corte

A trasladação dos restos mortais do general Sanjurjo para a sua pátria que tanto honrou



Em cima: Uma saudosa fotografia em que figura o general Sanjurjo com sua esposa e filho, quando se encontrava em Portugal. — A família Sanjurjo com os membros da missão que vieram buscar os restos mortais do g'orioso espanhol. — *Á direita:* Um trecho da assistência às exéquias na igreja de S. Domingos por alma do general Sanjurjo — O transporte da urna funerária. — O cortejo fúnebre passando no largo D. João da Câmara. — *Em baixo:* Um aspecto dos funerais de Sanjurjo no Passeio do Prado em Madrid

Um guerreiro abissínio

PELAS TERRAS DA RAINHA DE SABÁ

A acção civilizadora da Itália na Abissínia

A resistência dos bandos de shiftas

A resistência na Abissínia terminou com a conquista pelos italianos da cidade de Ras Desta.

Os únicos obstáculos que ainda impediam a completa pacificação eram os bandos de *shiftas* ou bandidos. Alguma pequena resistência manifestava-se em localidades onde os nativos ainda possuíam armas, e em sublevações periódicas dos Danakil e outras tribus selvagens.

Os *shiftas* foram em todos os tempos origem de perturbações na Abissínia e será ainda difícil desbaratá-los completamente durante algum tempo.

É durante a estação das chuvas que êles se tornam mais perigosos porque, estimulados pela fome, atacam as cidades ou qualquer ponto em que suponham existir abasteçimento de comestíveis.

Os bandos são compostos por numerosa gente armada e destra nos ardis da luta, e durante a guerra deram que fazer ao inimigo. São recrutados entre os descontentes com a situação, e que tenham armas em seu poder.

A primeira preocupação do exército invasor, durante o primeiro ano depois da conquista, consistiu em garantir a segurança pública, o que levou os italianos a abrirem estradas em todos os sentidos e o mais rapidamente possível. O maior feito durante êsse período foi realmente o estabelecimento da segurança pública sem a qual outros progressos seriam irrealizáveis e a política italiana, na manutenção da segurança pública, traduz-se por uma forte potência aérea com um vasto sistema de aerodromos e campos de aterragem. Por esta forma, todo o país é vigiado e os pontos, onde surge ameaça de perigo, podem ser fàcilmente socorridos.

Além dessa fôrça aérea, em todos os pontos estratégicos há tropas regulares compostas pela milícia dos *camisas negras* e pelos *askaris*.

Em todos os cruzamentos das estradas importantes e nos pontos que, pela sua elevação, dominam uma região, levantaram-se pequenas fortalezas construídas de pedra. O número oficial das fôrças italianas compõe-se de 25.000 homens das tropas da metrópole, 43.000 nativos, 300 aviões e 600 pilotos.

Muitos ex-soldados do exército abexim encorporaram-se na nova tropa de nativos; alistaram-se por contratos de 2 anos com uma remuneração de 5 liras por dia e uma porção de farinha.

As mulheres e a família podem acompanhá-los, quer êles se encontrem aquartelados, quer estejam em serviço de acampamento, e em geral são dedicados aos oficiais italianos, seus superiores, e estes apreciam as qualidades do soldado *askari* que é leal e possue em alto grau o *esprit de corps*.

São estas tropas que, sob o comando de oficiais italianos, fazem o serviço de polícia na manutenção da segurança pública e são especialmente de grande utilidáde na exploração de novas regiões. Os únicos indivíduos naturais do país que fazem uso de armas são os *askaris*, depois de se munirem da respectiva licença.

Há ainda muitos nativos que não entregaram as armas que possuiam, a-pesar dos muitos avisos e ameaças de fortes penalidades do govêrno italiano.

Até há poucos meses apenas tinham entregue 500.000 armas mas ainda há muitas mais escondidas pelo país. Eram armas das mais variadas procedências: havia-as que ainda datavam da guerra franco-prussiana de 1870, outras da guerra dos boers e ainda algumas mais próprias para museu do que para uso de defesa ou agressão e tudo à mistura com armas modernas. Nesta variedade de armamento figuravam também espadas, lanças e punhais.

Os abexins sempre tiveram o uso de porte de armas e munições, objectos que constituíram sempre um valor contra o qual faziam as suas aquisições de géneros. Era um valor de permuta, que substituía o numerário.

A política dos italianos actualmente consiste, em primeiro lugar, em desarmar os nativos.

A segurança geral do país está nas mãos das fôrças aéreas e da milícia, enquanto que o policiamento local é desempenhado por *carabinieri* com o seu pitoresco uniforme e *askaris* treinados adrede.

Há ainda nas cidades polícia para regularização do trânsito e serviço nos mercados, etc. É uma polícia municipal conhecida pelos *zabanyas*, que não têm o direito de prender, o qual só pode ser exercido pelos *carabinieri*.

As prisões, no tempo do império etiópico, eram uma instituïção deplorável e no mais atrasado estado: os italianos modificaram êsse estado de coisas, logo que tomaram posse do país.

As antigas prisões eram repugnantes de sujidade com uma média de mortandade, entre os detidos, apavorante. Os detidos eram em muitos casos presos a dois e dois por algemas de ferro, açoitados bàrbaramente e mutilados, sem descriminação de idade, sexo ou crime cometido.

Os assassinos e detidos por dívidas recebiam igual tratamento; as mulheres e crianças eram detidas em promiscuïdade com os doentes e sujeitas a horríveis torturas.

As prisões de Addis-Abeba sofreram uma profunda modificação e reorganização. Foram alargadas e juntou-se-lhe um hospital. Pela primeira vez, na história da Abissínia, foi eliminada a promiscuïdade de sexos nas prisões, e as crianças têm as suas casas de correcção adequadas.

A grande maioria dos abissínios não recebeu qualquer educação ou instrução e estas fazem parte importante do programa italiano.

Qual será o efeito dessa educação, aplicada a várias raças, é questão que o futuro resolverá e se há perigo só pode partir dos *Amaharás* já educados. São êles que, como antiga raça dominante no país, poderão organizar a oposição ao país conquistador. O resto da população parece satisfeita.

Os *amaharas* são cristãos e habitam as regiões de Amharas, Tigre, Gojjau e Shoa. Constituiam anteriormente a raça dominadora apesar de representarem apenas uma terça parte dos habitantes do império etiópico. As duas outras terças partes são um amálgama de raças de diferentes religiões e idiomas que nada teem de comum com os *amaharas*. As raças subjugadas foram forçadas a acatar o domínio dos *amaharas*, há perto de quarenta anos pelo imperador Menelik. A conquista italiana libertou-os dêsse domínio, que era exercido com opressão e crueldade, e hoje gozam das mesmas garantias dos seus antigos opressores.

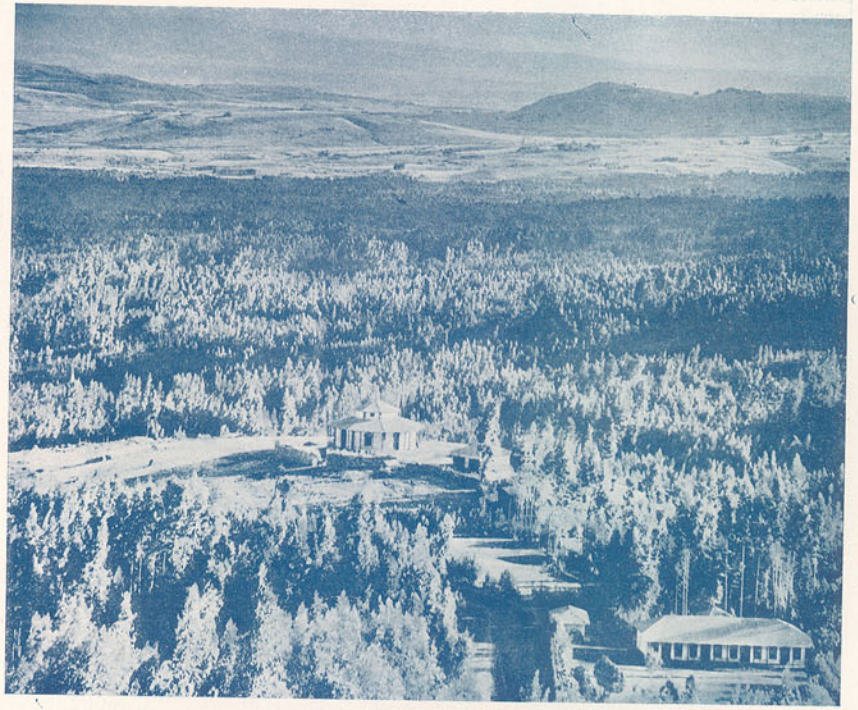
No antigo regime os *amaharas* consideravam o trabalho manual degradante e era relegado às raças subjugadas e aos escravos. Estes eram evidentemente provenientes das raças subjugadas; os próprios soldados do exército abexim possuiam os seus escravos.

Com um traço de pena desapareceu o sistema feudal e com êle a escravatura; na vida dos habitantes da Abissínia produziu-se uma verdadeira revolução. Esta revolução pôde realmente ter lugar porque os italianos estavam nas condições de oferecer trabalho aos antigos escravos. Se assim não fôra, o escravo livre e sem trabalho encontrar-se-ia em piores condições do que as anteriores.

Os chefes que se submeteram ao domínio italiano puderam conservar as suas terras, mas perderam qualquer autoridade sôbre os trabalhadores assim como perderam o direito de lançar impostos. Conservaram os seus títulos que apenas representam um antigo cargo, que ainda lhes dá algum prestígio. Do govêrno do país estão completamente excluídos. As terras extensas que pertenceram outrora ao imperador e as terras dos chefes que ainda não se submeteram foram convertidas em bens da corôa italiana.

ADOLFO BENARÚS

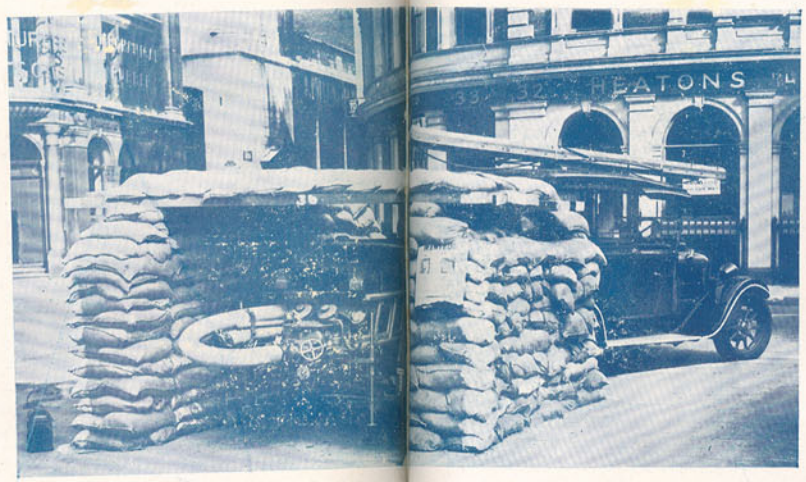
Execuções capitais na praça do mercado de Addis-Abeba



Um aspecto de Addis-Abeba, perdida numa floresta de eucaliptos que o imperador Menelik ali fez plantar

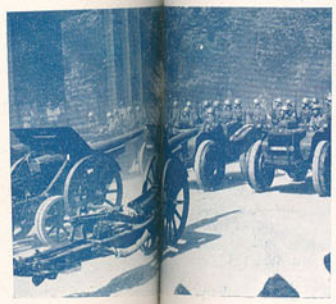
ILUSTRAÇÃO

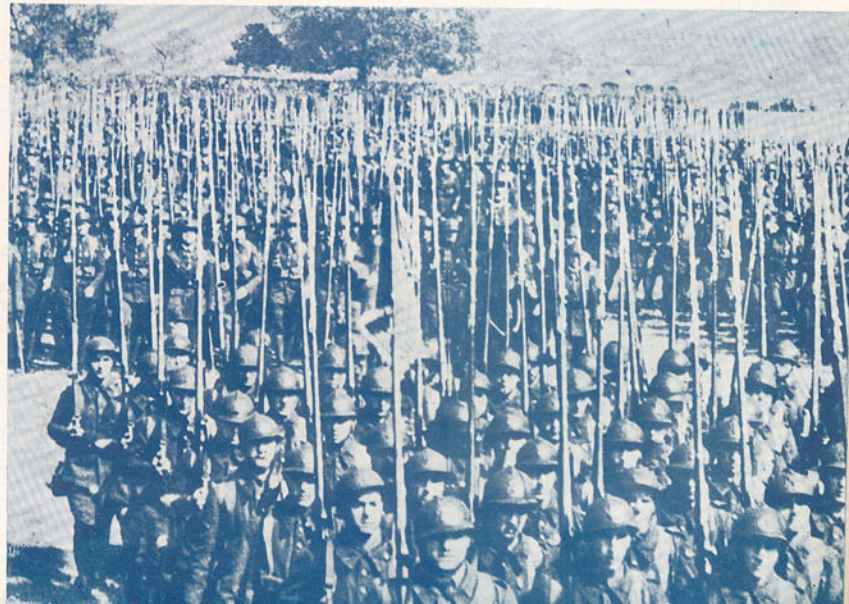
ASPECTOS DA GUERRA



Tropas alemãs motorizadas em marcha para a frente do Sarre. — *Em baixo:* Um aspecto de Varsóvia após os bombardeamentos. — *Ao centro, em cima:* Abrigos improvisados contra ataques aéreos em Londres — Soldados ingleses manejando um canhão de seis polegadas que constitue uma novidade para a artilharia.

Curioso instantâneo obtido por um reporter fotográfico quando Hitler e Ribbentrop visitaram a Polónia, após a tomada pelas fôrças alemãs. — *Em baixo:* Tropas francesas desfilando para a frente do Sarre. — *Ao centro:* Artilharia de meio calibre que está sendo actualmente empregada com grande eficácia, segundo a opinião dos técnicos.





A Colónia Balnear da Cruz Quebrada

ALMA SÃ EM CORPO SÃO

A Colónia Balnear da Cruz Quebrada

Cuidados que é necessário ter com as criancinhas

ERA de urgente necessidade evitar que as crianças pobres ficassem todo o verão estiolando nas ruas poeirentas da Capital.

Hoje em dia deseja-se que o indivíduo seja são de espírito e de corpo. Parece que voltámos aos antigos tempos da velha Grécia em que Adónis, o protótipo da beleza masculina, e Vénus, a formosíssima deusa do Amor, campeavam triunfantes por todo êsse belo país de guerreiros, artistas e escritores.

Na verdade, todo os desportos que se praticam, entre os quais avultam os exercícios à beira mar, têm no fundo a finalidade de trazer desenvolvimento proporcionado e saúde que não vacile àqueles que os praticam.

Mais do que o adulto a criança necessita praticar, regradamente, êsses salutares exercícios; as que sejam pobres, mais do que as outras, precisam de fazer a vida saudável e higiénica da praia e, mais que tudo, *mudar de ares*.

Com muito bôa vontade o problema foi, em Lisboa, mais ou menos resolvido, graças aos esforços do snr. Governador Civil e das Juntas de Freguesia da Capital.

De facto, na magnífica colónia balnear que as Juntas de Freguesia sustentam na Cruz Quebrada, fizeram estágio na época estival finda, e durante uma quinzena para cada protegido, nada menos de 1.550 crianças.

Mas ainda não basta olhar à saúde e bom aproveitamento gerais dos pequenos veraneantes.

Os dentes, que tanto às vezes nos fazem sofrer, devem ser objecto de cuidado especial, porque — quem o diria? — da sua perfeita conservação depende o bom funcionamento de todo o organismo.

Não se poupando a sacrifícios e desejando proporcionar aos protegidos o melhor bem-estar, resolveram acertadamente os dirigentes da Colónia da Cruz Quebrada organizar uma Clínica Odontológica, que já funcionou desde o início dêste ano.

Tendo-nos sido fornecida esta indicação, e estando dentro da índole desta revista prestar ao público todos os esclarecimentos que possam ser úteis à conservação duma bôa saúde, procurámos obter informações àcêrca de tal assunto.

Uma das camaratas

O melhor a fazer seria dirigirmo-nos ao ilustre clínico encarregado desta importantíssima secção da Colónia Balnear.

O Dr. Ferreira Pires é demasiado conhecido para que necessite apresentação.

Graduado por Filadélfia e Cirurgião estomatologista dos Hospitais Britânicos e de São Francisco, impôs-se sempre pelo saber, pelo carinho de que rodeia os doentes, pelo seu trato lhano e afável.

Encontrávamo-nos pois à vontade para pedir informações minuciosas e completas sôbre o assunto que nos interessava.

Começámos por preguntar ao Dr. Ferreira Pires qual o motivo por que se organizara a secção dentária para os pequeninos.

O nosso interlocutor não demorou a resposta:

— Verificou-se a necessidade de observar qual o estado de resistência física em que se encontram os habitantes da Colónia Balnear Infantil da Cruz Quebrada, para lhes vir a facultar os meios de defesa orgânica para o amanhã.

Organizou-se, portanto, dando-se-lhe início êste ano, durante o período de permanência na Cruz Quebrada, das crianças das Juntas de Freguesia de Lisboa, a Clínica Odontológica, nos moldes em que racional e benèficamente deveria ser organizada, isto é: não se trata duma clínica de simples e rudimentar mutilação do sistema dentário dêsses desprotegidos da sorte, como de ordinário se faz entre nós e... muita gente pensa ser humanitária.

Tratou-se de uma organização perfeita, em que, pela inspecção e anotação em fichas apropriadas se apurará por uma eloqüente estatística, quais as condições sanitárias em que se encontram as bocas e os dentes dos habitantes da Colónia Balnear da Cruz Quebrada.

Verificar-se-á assim o estado de abandôno e más condições profiláticas em que se encontra em Portugal, a população escolar da cidade de Lisboa!

— Mas — atalhámos — qual a vantagem de olhar com cuidado a primeira dentição, de que certamente estas crianças ainda são possuidoras, se essa dentição desaparece dentro em breve, sem que nenhum dente dela resista depois dos onze anos, segundo ouvimos dizer?

— Essa sua ideia é vulgar — responde o Dr. Ferreira Pires.

Com efeito, pensa-se erradamente entre nós que a dentição temporária (vulgarmente chamada dos dentes de leite) não carece de cuidados alguns e que, por vir a ser substituída pelos permanentes pode a criança passar sem ela!

Nada mais erróneo, por ser aquela a que serve de guardião à que se lhe segue.

Deve-se ter ainda maiores cuidados com a dentição temporária, porque a criança, ao desenvolver-se tem, no período de mudança de dentição, um grande dispêndio de cálcio em favor dos seus órgãos em formação. Para isso carece até de alimentação tão apropriada quanto possível, para estar em condições de o fazer.

E acrescenta:

— Como sem dentes não podem digerir e alimentar-se convenientemente, eis o prejuízo, para não lhe chamar crime, que praticam aqueles que extemporâneamente desdentam crianças.

Isto é assunto ainda hoje por resolver em Portugal, mas espero que a seu tempo se olhe a sério para este magno problema de saúde pública e com olhos de ver, por quem de direito, para se coordenarem os meios de proporcionar aos vindouros uma dentição comparável à de povos civilizados e portanto útil ao melhoramento da raça portuguesa.

É um assunto fartamente discutido e apreciado nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, onde tratam de *evitar que as bôcas dos respectivos povos sejam focos ambulantes de infecção*.

São focos que se devem exterminar sem mutilações que chegam por vezes a causar males maiores.

Embora muito admirados, porque estávamos bem longe de atribuir ao problema a importância que o Dr. Ferreira Pires, com a sua douta lição, nos fez entrever, tomámos nota das suas palavras e prosseguimos:

— Quais as conclusões a que tem chegado no decurso da sua vida clínica?

O rosto do nosso entrevistado contrangeu-se e foi com voz maguada que nos respondeu:

— São simplesmente apavorantes. O estado lastimoso em que se encontram essas bôcas e os dentes, impõem medidas de defesa que só com a organização duma consulta durante o ano se conseguiria o objectivo da extinção do mal que persegue êsses pobres doentes. Visaria essa consulta o principal fim de os defender da mutilação e conseqüentes defeitos orgânicos que dela provêm, extinguindo-lhes os focos de infecção de que bastas vezes são portadores.

Dr. Ferreira Pires

E com energia:

— Os meios de que em Portugal se servem para lhes resolver os transtornos do período da mudança de dentição são mutilantes e por vezes destruidores dum sistema dentário permanente perfeito. É urgente e indispensável defender a nossa infância de tão deploráveis e antiquados processos. Os inconvenientes são grandes e reflectem-se pela vida fora. É nestas idades que por êste e outros meios, se consegue que nas Juntas Militares de Inspecção não haja tantas isenções por incapacidade física e conseguiríamos no futuro ter também mulheres que sejam mães fortes e sádias.

Protejamos e defendamos a nossa infância, eis o lêma dos bons portugueses de hoje.

Quando nos retirámos, após têrmos agradecido as gentilezas com que o dr. Ferreira Pires nos cumulou, viemos a pensar que como ainda na nossa infância praticámos, já não podemos permitir que as crianças de hoje, após terem conseguido arrancar qualquer dente, o vão lançar ao brazido e pronunciem a tradicional frase: *Pilheirinha, pilheirão: Toma êste dente pôdre e dá-me em troca outro são.*

Refeitório

Lição de ginástica

No banho

NÉVOAS E NEVOEIROS

Entramos em Novembro o mês das brumas e dos nevoeiros, mês triste de dias pequenos, mês das almas como é chamado nas aldeias minhotas, mês que a Igreja dedica aos sufrágios das almas do purgatório, devoção tão querida da gente humilde e bôa, da nossa terra.

Dias pequenos, que a bruma e a cerração tornam ainda mais pequenos e escuros, e, em que tiras de gaze branca envolvem os verdes prados e ao longe à tardinha, se ouve plangente o dobre dos sinos, lembrando aos vivos, a saúdade dos mortos.

E como êsse sino que os lembra, ecôa de casa em casa, e, acorda a saúdade dos que desapareceram, e, que parece que virão de novo sentar-se à lareira aquecer-se na chama que brilha perfumada a pinhas, que fazem o mais florido e lindo brasido.

E são as velhas avós com as suas cabeças brancas, as suas faces enrugadas, as suas mãos trémulas que vivem outra vez, contando as suas intermináveis histórias, que acabam por se enredar umas nas outras, conforme vão passando os anos, como emaranhada meada que se torna impossível dobar.

E são os pais desaparecidos, com o amparo da sua ternura, que voltam com os seus conselhos, com o seu exemplo a amparar-nos, a confortar nos, a dizer-nos que a vída foi sempre difícil e que é preciso encára-la com coragem e ter alegria que ajude a levar saúdades do que já foi; temores do que há-de vir a ser.

Casos há em que é um anjo loiro que lembra ao ouvir-se o sino plangente, e as lágrimas da pobre mãe, correm sem fim, pois se não há dôr maior; mas o dobre não é por êle, pelos anjos repica o sino em sinal da alegria que vai pelo céu.

A outras são os ausentes que lembram, o filho que está no Brasil, e tão longe, há tanto tempo que não vem carta, quem sabe se viverá, ou então o que está em França, há tão horrendas guerras, gente tão má, quem sabe o que lhe aconteceria.

E o nevoeiro cerra mais, torna-se mais escuro, envolve campos e aldeias, casas e despovoados, e a noite desce entre orações que se erguem para o céu pelos que morreram, que as almas precisam muito delas, e pelos ausentes que só Deus sabe os perigos que correm.

Nas cidades também o nevoeiro é intenso, esconde as luzes, interrompe o transito, todos correm para se abrigar da escuridão nas casas confortáveis, aquecidas, mas são esquecidas as que partiram, quem se lembra na multidão que passsa que estamos no mês das almas, que é o mês das orações pelos que fôram adiante, para o Além de onde se não volta mais.

E êste ano em que de novo a humanidade se envolve em sangrenta guerra, o nevoeiro encobre lá longe na Polónia mártir, as ruínas das suas cidades arrazadas; em nuvens de crépe cinzento envolve as feridas sangrentas das suas casas, dos seus monumentos, das suas igrejas desaparecidas, esconde as lágrimas amargas dos que choram uma Pátria escravisada e de novo algemada, depois de ter sido de novo livre e de ter trabalhado para o seu engrandecimento e futuro.

Lágrimas pesadas e tristes, que choram mortos queridos, lares desfeitos e ilusões perdidas. Há nada mais desolador do que não ter Pátria e ver o solo querido esmagado pelo invasor?

Mas quantas tristezas não envolvem ainda as nevoas dêste começo de inverno.

Linhas terríveis de defesa, trincheiras em que se combate ferozmente e o homem vive nelas, como toupeira que espera a primavera.

E quantos não morrem! Bem pode o sino das aldeias lá ao longe, muito longe nas aldeias minhotas, dobrar mais umas vozes, para que se ergam ao céu préces pelos que morrem na guerra.

E o nevoeiro envolve as cidades dos países em guerra, que já vivem ás escuras. Mas o nevoeiro é bemvindo, êle assegura ás populações uma noite de sossêgo. Poderão dormir em paz, sem o receio de ouvir a «siréne» que anuncia o ataque aéreo.

Noite de nevoeiro; não ouvirão zumbir os motores dos aviões, e os estrondos das explosões das bombas, que apertam o coração dos refugiados nos abrigos. Seria a sua casa que teria ido pelos ares, as recordações de tôda a sua vida, as lembranças dos que já não existem, a recordação da infância dos seus filhos, êsses pequenos nadas que se ligam á vida humana, e, que representam a história de cada família, e ao passar o tormento dessas horas em noites claras, respira-se. A casa lá está não foi ainda desta vez, mas será talvez amanhã, ou quem sabe, talvez ainda esta noite, se se repetir o ataque, e a angustia continua...

Abençoado nevoeiro, êle é escuro, é triste, mas protege, envolve as cidades em perigo, é como que um anjo que as envolve nas suas asas carinhosas e as embala no sossêgo de algumas horas.

Dia de nevoeiro, que descanso não dá, como todos se mechem dum lado para o outro e como se torna a vida aceitável nessas horas de descanso.

Noite de nevoeiro, que sôno descansado no abafado da atmosféra, que parece de algodão em rama. E assim o que para um é incómodo, torna-se benéfico para os outros.

O nevoeiro é o amigo, o protector daqueles que a aviação espreita num intento de destruição e morte. É o defensor das populações indefesas, que a mortífera guerra moderna torna nas mais infelizes vítimas e faz dum país inteiro a frente de guerra.

Mas o nevoeiro nem sempre é tristeza, ás vezes é êle bem lindo e como torna mais sedutoras as paisagens.

Quantas vezes não têm sido meus olhos deslumbrados com as belezas dos efeitos da nevôa.

Uma manhã de outôno na velha vila de Ourém, nêsse alto, onde existem os velhos castelos, paços que fôram do grande Condestável D. Nuno Alvares Pereira, que a Igreja fez Santo e que é o protector de Portugal. Acordei cêdo à luz da manhã extranha, chamou-me a janela, fui ver como estava o tempo.

Que deslumbramento! No alto tudo era rosado com os primeiros raios de sol, em baixo o nevoeiro branco dava a impressão dum mar de neve.

Pouco a pouco abria êsse mar e apareciam as árvores, os campos, a casaria de Vila Nova e na estrada um verdadeiro quadro de Malhôa.

O padre levava o Senhor a um moribundo debaixo de vermelha umbela, lanternas acêsas e atrás os fiéis resando. Farrapos ténues faziam um fundo irreal de gaze fluctuante e foi êste um dos mais belos espectáculos a que tenho assistido.

Outra manhã de nevoeiro na Cidade Eterna, a Roma das surpresas magnificas. Tudo era cinzento o que da Rocha Zarpeia, no Campidoglio, se avistava e de repente como cortinas de gaze, abrem-se as nevoas e surgem esbeltas elegantes as colunas de Castor e Pollux e pouco a pouco tôda a beleza do Forum romano com as suas incomparáveis belezas surgia a meus olhos deslumbrados entre echarpes de gaze branca que lhe davam um aspecto de soberba beleza e de uma envolvente graça.

Numa tarde de viagem atravessando os campos do Norte da França, êsses verdejantes prados da Normandia, vi elevar-se o nevoeiro da verdura esmeraldina como se mãos invisíves levantassem o véu branco duma noiva sustentando-o no ar.

A brancura transparente de nevoa sôbre o verde dos campos dava na luz crepuscular um efeito de encanto inexplicável. É assim tudo na vida, há nevoas tristes que desfeiam o ambiente, há outras lindas, que o embelezam e tornam gracioso. Nevoeiros que envolvem a alma na dôce tristeza, da saudade dos que morreram, nevoeiros que enchem a alma de tristeza e melancolia, outros que são a segurança dos inquietos e que lhes asseguram um tranquilo sôno.

É assim tudo na vida, tudo tem o seu lado bom, tudo tem compensações, e por isso tudo devemos aceitar com sorriso nos lábios Sorriso cheio de melancolia ás vezes, mas que é sempre uma mostra de resignação, e quando um nevoeiro nos entristece devemos sorrir-lhe, pensando no bem que êle faz áqueles que estão em perigo, e que os raios do sol da esperança desfaçam nas almas a bruma e a nevoa das tristezas.

MARIA DE EÇA.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Casino Estoril

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que sôbre a presidência da sr.ª Condessa de Vil'Alva, levou a efeito na tarde do dia 9 de Setembro, último, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direção, uma festa de caridade, a favor da Casa de Trabalho de Santo António, do Estoril, que constou de «chá dançante», durante o qual se exibira vários números de variedades portuguesas, recebemos, com o pedido de publicação o resumo das contas da mesma festa.

Receita bruta: 12.805$90. Despesa: 3:303$90. Receita líquida entregue à direção da Casa de Trabalho de Santo António, do Estoril: 9:500$00.

Casamentos

Presidido pelo reverendo Américo Martins, celebrou-se na igreja matriz de Vila Boim, o casamento da sr.ª D. Rosa Maria Pinto Pião Caldeira, gentil filha da sr.ª D. Rosa Maria Pinto Caldeira, e do sr. Francisco Pilão Caldeira, com o sr. Manuel Chaveiro Rovisco Pais, filho da sr. D. Beatriz do Patrocínio Oliveira Rovisco e do sr. José Martinho Rovisco.

Foram madrinhas a mãi da noiva e sr.ª D. Ilda Lopes Godinho e de padrinhos o pai da noiva e o sr. André Chaveiro Pais.

Finda a cerimónia toi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para o sr. Ernesto Santos Ribeiro, funcionário da Direcção das Estradas do Distrito de Braga, foi pedida em casamento pelo sr. dr. Manuel de Sá Duarte, presidente da Câmara Municipal de Esposende, a sr.ª D. Irene de Jesus Pires de Sousa, interessante filha da sr.ª D. Adelaide Pires de Sousa e do sr. dr. Alexandrino Augusto Gonçalves de Sousa, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na paroquial de Santa Maria de Belem, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Silvina dos Santos Baião, gentil filha da sr.ª D. Maria dos Santos Baião, e do sr. Inácio Lopes Baião, com o sr. Orlando Metzner Serra, filho da sr.ª D. Amália Metzner Serra e do sr. António Simões Serra.

Foram madrinhas as sr.ªs D. Alda Gaspena Coutinho de Gouveia e D. Amélia Metzner Serra, e de padrinhos o sr. Capitão Coutinho de Gouveia e o pai do noivo

Terminada a cerimónia, que foi celebrada pelo reverendo Gradim, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, foi servido um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, seguiram para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Em Setúbal, realizou-se o casamento da sr.ª D. Idalina das Neves Silva, interessante filha do sr. Júlio Luís da Silva, com o sr. Carlos José da Silva, filho do sr. Manuel José da Silva, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Acabado o acto foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial das Mercês, presidido pelo prior da freguesia, reverendo Marques Soares, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria José da Silva Pereira, interessante filha da sr.ª D. Maria Cândida da Silva Pereira e do sr. Antero Augusto Silva Pereira, com o sr. Mário Fernandes da Silva, filho da sr.ª D. Ruperta Pastor e Silva e do sr. José Pedro da Silva, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.ªs dr.ª D. Adelaide Felix e a dr.ª D. Maria Gracinda Silva Pereira e de padrinhos os srs. dr. Albino dos Reis, presidente do Supremo Tribunal Administrativo e o violinista Silva Pereira.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, partiram para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

— Na capela do Carvalhal, em Torres Vedras, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Camila Galvão Mexia de Almeida Fernandes Vilela, interessante filha da sr.ª D. Camila Galvão Mexia de Almeida Fernandes Vilela, e do sr. Henrique Maria Pereira Vilela, com seu primo o sr. José Luís Pinto de Magalhães Galvão Mexia de Almeida Fernandes, filho da sr.ª D. Maria Carlota Coutinho Castelo Pinto de Magalhães de Almeida Fernandes e do sr. Alexandre Galvão Mexia de Moura Teles de Almeida Fernandes, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finíssimo lanche. Os noivos a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para Sintra, onde fôram passar a lua de mel.

— Na capela da Casa da Borralha, em Agueda, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Inês de Vera Caldeira (Borralha), gentil filha dos srs. Condes da Borralha, com o capitão de aeronáutica sr. Venâncio Augusto Deslandes, filho da sr.ª D. Maria da Glória Deslandes e do coronel de cavalaria sr. Alberto Augusto da Silva Deslandes, presidindo ao acto o reverendo Joaquim da Silva Neto, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Foi madrinha a tia da noiva sr.ª D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho e padrinhos os srs. dr. Manuel de Casal Ribeiro de Carvalho. tio da noiva, o capitão de cavalaria sr. Luís Valentim Deslandes e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa da Casa da Borralha, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Pela sr.ª D. Profíria Caleia, esposa do sr. Jaime Caleia, foi pedida em casamento para seu filho João, a sr.ª D. Lucinda Príncipe Ceia, interessante filha da sr.ª D. Maria José Ceia e do sr. Paulo da Rocha Ceia, já falecido.

A cerimónia deverá realizar-se brevemente.

— Celebrou-se na paroquial das Mercês, o casamento da sr.ª D. Maria Cristina Pereira da Rocha Vieira, gentil filha da sr.ª D. Maria Luiza Pereira da Rocha Vieira e do aguarelista e desenhador do nosso colega «O Século» sr. Alfredo Carlos da Rocha Vieira, com o distinto engenheiro agrónomo sr. Alfredo Euleutério Baptista, filho da sr.ª D. Ermelinda Viegas Baptista e do sr. Guilherme Luiz Baptista.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Maria Luiza Ribeiro da Costa Pereira e a mãi do noivo e de padrinhos o sr. Coronel José da Costa Pereira e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial de S. Jorge, em Arroios, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Izabel Piano Martins, interessante filha da sr.ª D. Armanda Izabel Piano Martins e do capitão tenente sr. João Marcelino Martins, com o sr. Joaquim Nunes dos Santos, filho da sr.ª D. Ofélia Nunes dos Santos, e do sr. José Nunes de Oliveira Santos, tendo servido de padrinhos os pais da noiva e os avós do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Bernardino, foi pedida em casamento pelo sr. Bernardino Domingues de Sousa, a sr.ª D. Emília Balbôa Fernandes, gentil filha da sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes e do sr. Benjamim Balbôa Fernandes, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se êste ano.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Helena Sandy Lopes. interessante filha da sr.ª D. Maria Sandy Lopes e do sr. Mário Ferreira Lopes, com o alferes de cavalaria sr. Eduardo Joaquim de Magalhães Almeida Martins da Costa Soares, filho da sr.ª D. Maria Julia de Magalhães de Almeida Martins Soares e do falecido tenente coronel de cavalaria sr. Joaquim Martins da Costa Soares, servindo de padrinhos as mãis dos noivos e pai da noiva.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento pelo ilustre professor sr. Dr. Azevedo Neves, reitor da Universidade Técnica de Lisboa, para o sr. Dr. José Pereira, a sr.ª D Maria Luiza de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Jacinta Alice de Carvalho e do sr. António Maria de Carvalho, administrador-gerente do nosso colega «República».

A cerimónia realizar-se-há nos principios do próximo ano.

— Na igreja matriz de Mangualde, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Alda Pessoa Ferreira Marques, interessante filha da sr.ª Maria Clementina Pessoa Ferreira Marques e do sr. Dr. José Marques, com o sr. Dr. Carlos Alberto Leal, filho da sr.ª D. Laura do Patrocinio e Silva Leal e do sr. Alberto Hermann Leal.

Serviram de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Julia Campos Ferreira e a mãi do noivo e de padrinhos o tio da noiva sr. Manuel Pessoa Ferreira e o pai do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Carolina Malheiro Guedes de Vasconcelos Costa, gentil filha da sr.ª D. Maria Cristina Malheiro Guedes de Menezes de Vasconcelos e Sousa Costa e do sr. Dr. Carlos Fidelino Costa, auzente em Espanha, com o sr. Dr. José Rodrigues Pablo, filho da sr.ª D. Ana Rodrigues Pablo e do sr. Joaquim Gomes Pablo, tendo servido de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos os sr.s Dr. António José de Sousa Magalhãis, tio da noiva e o cirurgião Dr. Mário Carmona.

Terminado o acto foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, seguiram para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

A sr.ª D. Maria Izabel de Castro e Lima de Brito e Cunha, esposa do sr. Rui Brito e Cunha, teve o seu bom sucesso. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Emília Campeão Soares de Oliveira, espôsa do tenente de cavalaria sr. Luiz Soares de Oliveira, teve o seu bom sucesso. Mãi e filha estão de perfeita saúde.

— No Pôrto teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Carlota Campeão Gouveia de Magalhães, espôsa do sr. Henrique Alegre de Magalhães. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Alexandrina dos Santos Teixeira de Mesquita, espôsa do sr. Carlos Pereira de Mesquita, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

Baptizados

Serviram de madrinha a sr.ª D. Maria da Soledade Manzoni Macieira e de padrinho o sr. dr. Jorge Bobela da Mota.

— Em Cascais, na igreja da Misericordia, celebrou-se o baptisado da menina Maria Vitória, interessante filha da sr.ª D. Maria Margarida de Heredia Cirne Deslandes Corrêa e do sr. Marcelino Nunes Corrêa Júnior.

Foram madrinha sua tia paterna a sr.ª D. Piedade Nunes Corrêa Gonçalves e padrinho seu tio paterno o sr. Manuel Nunes Corrêa.

— Na paroquial da Penha de França, celebrou-se o baptisado da menina Maria Izabel gentil filhinha da sr.ª D. Natália Lisboa Desiré Bennard Rodrigues Branco, e do sr. António Augusto Rodrigues Branco, tendo servido de madrinha a menina Maria Ruth Bennard Carvalho da Costa e de padrinho seu tio materno o sr. António Taveira de Carvalho da Costa, pagador do Ministério das Obras Públicas.

D. Nuno

SOU UM DESGRAÇADO

COMO ME SALVEI

e voltei a ser preso quando me considerava mais seguro

...atiraram-me para dentro de um calabouço...

No tempo em que andei no Mundo, chamava-me Artur Souvestre Gadin.

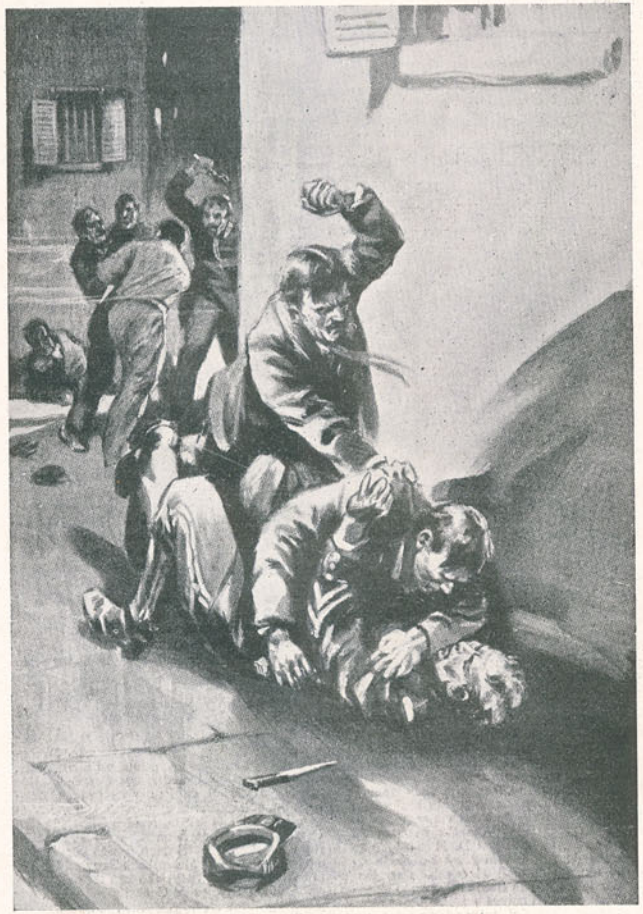
Não pretendo fazer crêr que a agressão contra o agente de polícia — crime de que resultou a minha condenação — tivesse sido o meu primeiro delito. Pesavam já sôbre mim várias condenações por pequenas faltas.

A minha desgraça deve-se ao conhecimento que travei com três «apaches», que logo me encorporaram na sua quadrilha, que era o terror dos bairros ao norte de Paris.

A princípio, limitava-me a beber e a jogar com êles, calculando que a vida de «apache» não era tão arriscada como se me afigurava.

Uma noite, a polícia entrou na taberna em que nos encontrávamos, e deu-nos voz de prisão. Como tivesse sido cometido um assalto, algumas noites atrás, os investigadores, dando com o rasto dos criminosos, tentaram lançar a mão ao nosso bando.

Travou-se então um verdadeiro combate. Como me encontrava com êles, e não deixaria de ser levado para o pôsto policial onde me tratariam como seria de calcular, empenhei-me também na luta o melhor que pude e soube.



...travámos um violento combate com uma patrulha...

Depois dum encarniçado combate em que, servindo-nos de trancas de ferro e de facas, justificamos a fama do nosso bando, dois dos agentes caíram feridos gravemente. Um dêles, conseguindo escapar, viu-nos o suficiente para fazer de nós uma descrição fiel e completa.

Em meu entender, não era prudente arriscar-me a andar isolado, mesmo nos bairros menos vigiados pela polícia.

Como nenhum de nós habitava no bairro em que praticávamos as nossas proezas, e tinhamos o cuidado de estudar prèviamente todas as ruas, estabelecendo uma ligação modelar entre as nossas casas, tornava-se-nos fácil o regresso após qualquer assalto que realizávamos.

Era uso encontrarmo-nos no dia seguinte em determinado local do centro da cidade, a fim de dividirmos o roubo que ficava depositado na casa do chefe.

Durante um ano inteiro continuamos a mesma vida sem que nenhum de nós fôsse apanhado.

Chegou por fim a época em que me competia cumprir a obrigação do serviço militar, e não vendo a maneira de me esquivar sem fugir para o estrangeiro, tive de apresentar-me à inspecção médica. Como era forte e sádio, fui logo apurado, mas, com grande desgosto meu, foi-me descoberto o cadastro de delitos, sendo por êsse motivo destacado para um batalhão colonial. Depois de receber a usual instrução de recruta, encontrei-me, alguns meses mais tarde, junto do meu regimento na fronteira de Marrocos.

Muitos dos meus camaradas eram homens da minha categoria, avaliando-se assim a pouca simpatia que sentiríamos pela disciplina.

Terminado o meu tempo de serviço, pude regressar a França, e para maior fatalidade, voltei a encontrar-me com as más companhias que me tinham depravado.

Haviam decorrido apenas alguns meses sôbre a data do meu regresso a Paris, quando, uma noite de verão, tivemos um violento combate com uma patrulha constituída por seis agentes de polícia que tinham vindo em socôrro de dois indivíduos que nós atacáramos. Enquanto combatiamos, iamos batendo em retirada pela rua acima, visto que o nosso objectivo era fugir-lhes.

De súbito, tropecei e caí. Antes que tivesse tempo de me pôr novamente em fuga, um dos agentes, seguido por um civil, precipitou-se sôbre mim. Como ainda conservava o meu revólver, fiz fogo sôbre o agente que tombou ferido. Mas o civil, com uma coragem inaudita, ferrou me uma saraivada de sôcos nos olhos, o que me deixou momentaneamente cego. Nisto, senti-me agarrado e arrastado pela rua acima, a uma distância de alguns metros.

Levaram-me para o pôsto policial mais próximo e, chegados ali, atiraram-me para dentro dum calabouço, onde passei a noite. Sentia-me terrivelmente enfurecido e, se pudesse, teria assassinado quem quere que fôsse que se aproximasse de mim. Não obstante, fui acalmando e acabei por adormecer. Na manhã seguinte, fui levado à presença dum juiz, vindo a saber que era acusado de fazer fôgo sôbre o polícia que se achava gravemente ferido. Comparecendo oportunamente perante o tribunal, fui condenado a vinte anos de trabalhos forçados, tendo concorrido para a dureza da sentença as condenações anteriormente sofridas, as quais levaram o tribunal a considerar-me um reincidente perigoso e indesejável.

Após o julgamento conservaram-me encerrado durante aproximadamente um mês, numa das grandes prisões de Paris, onde por duas vezes fui visitado por meu pai e minha mãe. Sendo, como era, quási uma criança, é fácil supôr quanto lhes seria penoso pensarem que não tornariam a vêr-me por muitos anos, pois foram êles próprios que me disseram que eu ia ser deportado para Caiena, onde cumpriria a pena. Agradou-me a ideia porque tinha ouvido dizer que ali os condenados eram conservados a maior parte do tempo ao ar livre. É inutil dizer que eu era a respeito das realidades da vida dos condenados, duma ignorância absoluta. Julgava eu que a expressão «trabalhos forçados» queria dizer trabalhar, em qualquer ofício, na minha cela!

Quando, por fim, chegou o dia do embarque, sentia-me quási satisfeito — na verdade, creio que todos os estavamos, pois eu pertencia a uma leva de «reincidentes perigosos» que seguia naquele dia. Levaram-nos algemados, no chamado «panier à salade», para o combóio da noite e meteram-nos num vagão destinado ao gado, fortemente trancado, e escoltado por uma meia dúzia de soldados armados. Apenas podiamos ver, por uma escassa abertura do vagão, pondo-nos de pé e, assim, quási todos nós passamos a primeira meia hora de viagem a ver, por ela, o caminho percorrido. A minha última recordação de França, dos tempos de rapaz, é das luzes brilhantes, das janelas das casas de campo, e das sombras negras e esguias das árvores.

GRILHETA DA GUIANA

NUM ESQUIFE...

— No tempo em que andei no Mundo, chamava-me Artur Souvestre Gadin

Quando nos cansámos de estar de pé, atirámo-nos para o chão, deitando-nos sôbre a palha que o cobria, a ruminar, antes que chegasse o sôno tão difícil de conciliar, sôbre o que o futuro nos reservaria. Soubesse eu alguma coisa de Caiena e do que ia ser ali a minha vida, e estaria possuído de um tal horror que me levaria a fingir-me adormecido, para planear a fuga do combóio, que fatalmente havia de tentar, mesmo com risco da própria vida. Felizmente, a ignorância livrou-me da tortura de prevêr o meu futuro na terrível colónia penal para onde ia ser conduzido, e, se bem que tivesse chegado, uma ou duas vezes, a examinar as possibilidades de evasão, decidi-me por fim a esperar até ver como as coisas se passariam.

O porto em que iamos embarcar para a América do Sul era Bordeus, e depois de vinte e quatro horas de viagem num combóio de mercadorias, chegamos finalmente à estação de caminho de ferro. Ali, fomos de novo algemados e presos uns aos outros como parelhas de cavalos, marchando, em seguida, debaixo de escolta, para o navio. Os nossos poucos haveres levamo-los em pequenos sacos.

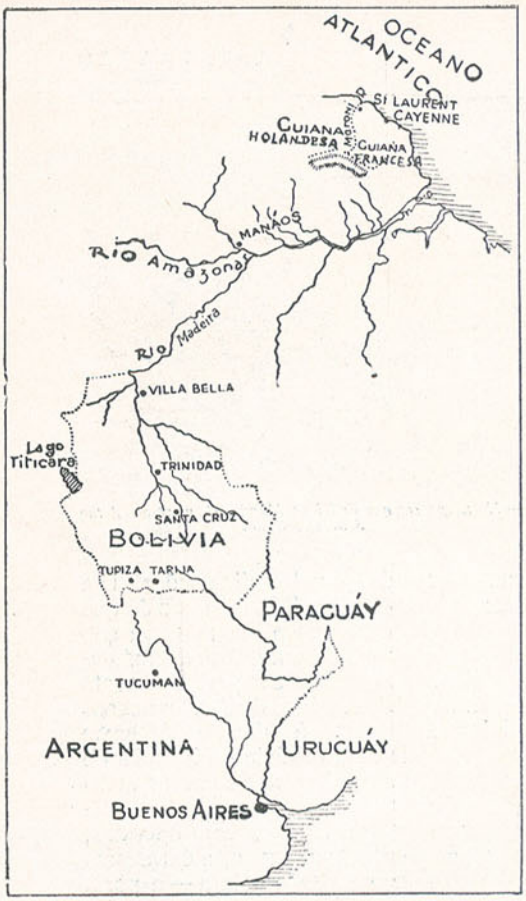
A escuridão da noite pouco nos permitia ver do navio, e por isso apenas pudemos compreender que se tratava de um barco de grandes dimensões. Um dos nossos guardas informou-nos de que se tratava dum navio de carga e que conduzia grande quantidade de máquinas destinadas a diversos portos da costa setentrional da América do Sul. Os nossos alojamentos eram à pôpa, onde havia sido armada uma espécie de barraca de madeira, e ali tinhamos de passar quási todo o tempo de percurso. No tecto havia um largo orifício, coberto de vidro, por onde entrava a luz, e, além dessa, só havia uma outra abertura — a porta que era construída como a das cavalariças, de modo que a metade inferior podia ser fechada independentemente da outra metade. Pelo chão estavam enfileiradas as enxergas que nos eram destinadas. Fecharam-nos depois a porta com pesados ferrolhos. Eramos quinze, e, embora o espaço fôsse suficientemente amplo, a ventilação era deficientíssima, pois se fazia apenas por um pequeno número de orifícios abertos nas paredes.

O barco demorou-se ainda alguns dias no porto, e, durante êsse tempo, a nossa existência confinou-se nas paredes da camarata, só saindo para nos lavarmos sob uma espécie de telheiro, a poucos passos dali.

Isso mesmo faziamo-lo um de cada vez, e sempre sob a mais rigorosa vigilância dos guardas.

Só viamos o céu e os mastros de uns raros navios ancorados nas proximidades.

— ...fiz fogo sôbre o agente que tombou ferido



— Eis o meu penoso itinerário de evasão

O tempo decorria muito vagarosamente, como se calcula, visto que, à parte o serviço da limpeza dos nossos alojamentos, serviço que faziamos tôdas as manhãs, nada mais tinhamos em que nos ocupássemos. A maior parte das horas, passavamo-las estendidos nas enxergas, a dormir ou a conversar.

Foi, pois, com verdadeira alegria que ouvimos o ruído e azáfama da partida e sentimos o funcionamento das máquinas para a largada. A partir dêsse momento, os guardas tornaram-se menos taciturnos, começando a falar-nos do que ia seguir-se.

Na manhã seguinte à da nossa partida de Bordéus, fomos de novo amarrados uns aos outros e assim nos levaram para a coberta, talvez para nos mostrarem que íamos no alto mar. Não se via terra, de qualquer lado. O tempo estava lindo; de oeste soprava uma brisa agradável, o sol brilhava intensamente e o mar movia-se justamente o bastante para completar aquêle quadro encantador. Para nós, a melhoria de situação não podia ser mais sensível, depois da longa clausura na camarata abafante.

Fazíamos exercícios de marcha à roda do navio, à voz do oficial comandante da escolta, enquanto os oficiais de bordo nos olhavam curiosamente de cima da ponte, trocando entre si comentários sôbre os presos que, aliás, nós não podíamos ouvir. Creio que nenhum de nós deixava de dar apreço àqueles passeios pelo barco, tanto mais que se tratava de um vapor de grandes dimensões, com aspecto de muito confortável para quem nêle viajasse em outras circunstâncias. Além do mais, tudo aquilo representava para nós uma grande novidade, visto que, até ali, nenhum tinha ainda embarcado.

Durante algum tempo, a nossa vida foi perfeitamente suportável porque, reconhecendo que nenhum de nós se mostrava inclinado à insubordinação, o tenente, comandante da guarda, permitiu-nos que fizéssemos, sem algemas, os nossos habituais exercícios na coberta, e de tempos a tempo autorizava-nos até a correr. Nunca nos foi permitido sob qualquer pretexto, permanecer na coberta e observar dali o mar — uma coisa que nós tínhamos pedido bastantes vezes — e isto irritava-nos um tanto. Por outro lado a comida era também um motivo de aborrecimento, pois apesar de saborosa, as rações distribuídas não eram, em quantidade, aquilo de que precisávamos.

Ao fim de dez dias de viagem, o tempo mudou e sobreveio uma tempestade medonha. O barco balouçava terrìvelmente e todos nos sentiamos indispostos.

Fecharam-nos na camarata durante quási todo o tempo, porque os soldados íam também na maior parte enjoados e os que o não estavam eram por êsse motivo reconduzidos nos postos de sentinela. Em conseqüência de não podermos comer e de estarmos permanentemente enclausurados, tornámo-nos impertinentes e revoltados e algumas vezes chegámos mesmo a envolver-nos em desordem, do que resultava sempre virem os soldados separar-nos a pontapé e à coronhada. A disciplina rigorosa dos primeiros dias não tardou em voltar e as regalias de que já gozávamos foram-nos retiradas.

Um dia, finalmente, quando marchávamos formados na coberta, descobrimos terra pela proa e soubemos que a América do Sul estava à vista. Nessa noite, ouvimos o barulho próprio do cais e compreendemos que o navio tinha entrado no pôrto de Caiena. O calor tinha aumentado muito nos últimos dias e a nossa prisão de bordo tornara-se por isso insuportável. Mal rompeu o dia, despedimo-nos por fim do nosso barco e descemos ao longo do cais para nos internarmos na cidade de Caiena.

Permaneci quatro anos em Caiena, parte do tempo encerrado numa cela e outra parte a trabalhar fora da prisão. Não procuro demorar-me sôbre o que foi a minha vida durante êsse tempo: ainda se me afigura um pesadêlo horrível. Só quem tenha estado nessa parte da América do Sul pode imaginar o que será a vida de penitenciário num tal clima. Ocupavam-me em trabalhos de carpintaria, mas aquele calor mortal não permite fazer seja o que fôr, que requeira um esfôrço físico, durante quási tôda a manhã e as primeiras horas da tarde.

Aquelas horas, passávamo-las nas nossas celas, jazendo torturados por uma atmosfera em extremo opressiva. As noites eram um pouco melhores longos, dilatados períodos de miséria moral e física — pois sempre podíamos dormir uma hora, ou pouco mais, de cada vez.

Olhando para trás, a recordar aqueles seis meses, eu pasmo de ter triunfado de tudo, pois a minha saúde estava sèriamente abalada, por efeito do clima. Assim sucede, aliás, com todos os brancos enquanto se não aclimatam, e muito mais, evidentemente, com os condenados. O facto é que alguns dos meus companheiros de prisão foram morrendo, um após outro. Por êsse tempo, dizia-se que os cadáveres dos condenados eram depois atirados aos tubarões, mas a experiência e a observação levaram-me mais tarde a convencer-me de que não era verdade.

Passados alguns meses começava a sentir-me aclimatado, e a vida tornava-se-me um pouco mais fácil, embora as noites me parecessem intermináveis, e o meu sono agitadíssimo. Nestas circunstâncias, a ninguém surpreende que mil vezes se tenham chocado no meu cérebro as possibilidades de me evadir daquele local de horror, mas eu pouco ou nada sabia da gente e dos caminhos que davam acesso à prisão, e, por isso, não achava solução para tão complicado problema. Como era considerado com comportamento exemplar, fui, por fim, levado à presença do comandante do forte que me informou de que ia mandar-me juntar a um grupo de operários condenados, em serviço num sítio chamado Saint-Laurent. Ali, segundo me disse o comandante, eu poderia andar em liberdade, sob determinadas condições desde que o meu comportamento continuasse a corresponder à resolução por êle tomada.

Se, passado um certo período, as autoridades estivessem satisfeitas comigo, eu passaria a viver, pràticamente em liberdade, contanto que não tentasse sair do distrito.

Esta perspectiva encantou-me desde logo, se bem que eu não pudesse formar um juízo seguro sôbre a sua verdadeira significação. E adiante se verá porquê.

Comigo seguiram mais quatro condenados que, como eu, tinham obtido a concessão de trabalhar ao ar livre e em

relativa liberdade. Fomos escoltados por um cabo e dois soldados. Marchávamos quási só de noite, descansando durante o dia ao abrigo da densa folhagem das árvores que ladeavam a estrada.

Gastamos dez dias para alcançar a aldeia de Saint-Laurent que fica na margem do rio Maroni, a umas cento e vinte milhas de Caiena.

O meu coração apertava-se cada vez mais.

Que mais me estaria reservado?

(Continua)

FIGURAS E FACTOS

Por motivo da «Festa da Raça», foi celebrada uma missa na igreja de S. Roque a que assistiram os srs. embaixador de Espanha, representante do ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador e embaixatriz do Brasil e outras personalidades em destaque. A gravura acima mostra um trecho da selecta assistência. — *A' direita:* A famosa vedeta de *music-hall* conhecida há meio século pelo nome de Polaire, e falecida há dias na miséria em Paris

A sr.ª D. Maria Adelaide Bastos Leal, autora de uma interessante *plaquette* «12 conselhos e ensinamentos para os pequeninos» em que patenteou o seu engenho nesse difícil ramo de literatura

A equipa do Sporting, vencedora da prova «Outono» promovida pela União Velocipédica Portuguesa, num percurso de 120 quilómetros entre Lisboa, Lumiar, Carriche, Loures, Mafra, Murgeira, Picanceira, Encarnação, S. Pedro da Cadeira, Ponte do Rol, Tôrres Vedras, Turcifal, Vila Franca do Rosário, Malveira, Loures e Lisboa (ponto de partida)

O ilustre professor dr. Costa Lobo, a cuja obra vastíssima se junta agora o magnífico livro «Marechal Duque de Saldanha», focando a figura gloriosa dêste ilustre cabo de guerra que à sua bravura e patriotismo aliava uma inteligência rara e um espírito cultíssimo

O brigadeiro Ribeiro da Fonseca com alguns dos oficiais que o homenagearam num banquete pela sua recente promoção. Os comandos das unidades e estabelecimentos da Aeronáutica Militar quiseram honrar o primeiro oficial general da aviação em Portugal

A QUINZENA DESPORTIVA

Tôda a graça da ginástica coreográfica se reflete neste grupo de raparigas executando harmoniosamente um exercício da sua lição

A guerra implacável em que andam envolvidos os maiores povos da Europa exerceu, como era natural, acção paralizadora sôbre a respectiva actividade de desporto. A grande maioria dos praticantes de primeiro plano encontra-se mobilizada, o estado de espírito da população civil não deve conter disposição que permita assegurar assistência compensadora a espectáculos freqüentes, e paira sempre no ar a ameaça de qualquer eventualidade que tornasse perigosa a grande aglomeração de gente: três razões poderosas a contrariarem a marcha normal das organizações desportivas.

E' interessante, no entanto, registar o esfôrço imediato dos organismos dirigentes do desporto nêsses países em luta bélica, certamente patrocinado e talvez até impulsionado pelos poderes oficiais, para impedirem a cessação completa da actividade desportiva, procurando conservá-la em moldes adequadas como elemento necessário ao estímulo da forma física da mocidade e como factor tributário para a bôa disposição moral das populações da retaguarda.

Em França não deixaram de ser disputados encontros de futebol, de ser organizadas reuniões de atletismo e ciclismo para novos; na Inglaterra o campeonato profissional de futebol vai recomeçar em moldes especiais, mas com toda a regularidade, e também a Alemanha não descura o assunto, tendo há poucos dias oposto o seu grupo nacional de futebol ao da Jugo-Eslávia, neste último país.

Esta uniformidade de critério sôbre o valor da influência da prática desportiva na vida activa e moral dum povo em crise, corresponde ao mais precioso argumento que a fôrça dos gravíssimos acontecimentos contemporâneos traz em reforço daqueles que pugnavam pela necessidade da sua propaganda independentemente da ideia de tão trágicas contingências.

A lição não deverá, contudo, ser perdida para aquelas nações que se conservam à margem do turbilhão mortífero e, portanto, dela podem colher todos os proveitos sem a contrariedade da hora crítica que as outras, as que perderam a paz, atravessam e procuram minorar nas desastrosas conseqüências.

Deixemos, para o caso, entregue a si próprio o desporto de competição, aquêle que o barão de Coubertin definiu nas teorias do olimpismo moderno, porque êsse não importa numa campanha de verdadeiro carácter nacional, cuja finalidade deve ser meramente educativa, higiénica para o corpo e para o espírito, alheada de riscos e exagêros. O desporto que interessa, que merece o carinho e o impulso dos poderes públicos e das grandes organizações, obedece a outra fórmula, abstrai da luta directa e constitui de facto excelente meio de educação moral, complemento vantajoso e indispensável da educação física elementar, favorecendo o trabalho intelectual e proporcionando ao povo, logo à nação, um bem estar que se traduz em alegria, saúde e capacidade produtiva.

O desporto de competição, que toda a gente conhece, que é pôsto em realce nos comentários de imprensa e serve de objectivo a todas as propagandas populares, é uma actividade reservada a indivíduos de escol e, por conseguinte, de interêsse reduzido. Os jogos desportivos e os exercícios de aplicação ao ar livre são sempre, porém, quando devidamente regulados, úteis à saúde dos indivíduos sãos, sem exigências de robustez ou preparação excepcionais.

Recordemos a frase de S. Tomaz de Aquino: «Nada há na inteligência que não tenha primeiramente passado pelos sentidos», donde se deve concluir que o aperfeiçoamento do corpo importa à inteligência. O corpo humano é admirávelmente proporcionado à alma que o anima, e por isso a actividade dos sentidos é condição primacial para o progresso do espírito.

★

A temporada de natação, há poucos dias encerrada após cinco mêses de actividade regular, marcou progresso interessante no valor desportivo da excelente modalidade, mas não correspondeu ainda ao esfôrço necessário para lhe assegurar a divulgação precisa como exercício higiénico.

Os festivais e sessões de propaganda foram bastante freqüentes, vieram até nós alguns dos melhores nadadores hungaros servir de bitola à classe dos nossos especialistas, organizaram-se diversas provas de caracteristica popular em cuja realização intervieram em constante acção de estímulo os jornais «Século» e «Os Sports», e de tudo isto resultou incontestável benefício, traduzido pelo melhoramento de diversas marcas-records portuguesas e pelo aumento de interêsse pela prática da natação.

Friso alegre e gracioso das senhoras que tomaram parte no festival de encerramento da época de natação no Sporting Clube de Portugal

Podemos afirmar sem exagêro de vaidade que possuimos actualmente em Mário Simas um dos melhores especialistas europeus do estilo costas, susceptível pela sua pouca edade de consideráveis progressos; o tempo de 1 m. 11,4s. por ele conseguido na clássica distância dos 100 metros colocá-lo-ia em terceira posição nos últimos campeonatos do continente, logo após dois alemães.

Provando o seu eclétismo, este mesmo nadador tentou vitoriosamente na piscina do Mondego, em Coimbra, o assalto ao record da corrida de 200 metros em estilo livre, descendo-o quatro segundos, para 2 m. 31,4s.

Os outros mínimos batidos durante a época foram os de 100 metros, estilo livre (Vasco Carrelhas em 1 m. 6 s.), 400 metros, estilo livre (Joaquim Batista Pereira, 5 m. 31 s.), estafetas 4 × 200 metros em estilo livre (Algés e Dafundo, 10 m. 44,4s.) e 3×100 metros, nos três estilos, pela equipa do mesmo clube; e 100 metros, costas, e 200 metros em estilo livre, senhoras, pela campeôa Maria Gourinho respectivamente em 1 m. 34s. e 3 m. 10s.

Esta é a bagagem desportiva dum ano de trabalho, à qual adicionaremos para completa tradução da verdade a lista copiosa de resultados interessantes alcançados pelos nadadores das categorias inferiores ou infantis, e cuja importância se valoriza pelo facto de constituirem esses elementos novos o efectivo futuro da modalidade.

As apreciações críticas sôbre o conjunto dos factos e resultados da época finda, tais como até aqui os traçamos, não podem portanto revestir-se de cores pessimistas e é de justiça concluir pelo reconhecimento do bom caminho em que segue lançada a natação desportiva; existe, porém, para nós uma outra feição não menos importante — talvez mais ainda — do problema, que é o desenvolvimento do gôsto pela prática do exercício de nadar.

Neste sentido podemos ainda intensificar a propaganda, dando-lhe feição diferente e cujos benefícios resultariam da sua organização em campo perfeitamente independente de qualquer idéia desportiva.

Alheando a dificuldade de competição, criar-se-ia um distintivo especial, de cunho artístico que agradasse ostentar, atribuível anualmente em festivais populares, a todos os indivíduos e de tôdas as idades que percorressem nadando determinada distância dentro dum mínimo, não muito rigoroso, de tempo pré-estabelecido. Para aumentar o efeito de incentivo conceder-se-ia ainda um trofeu à colectividade, escola ou núcleo que apresentasse em cada ano maior número de alunos vitoriosos na prova.

Esta iniciativa, que não é de imaginação nossa, foi posta em execução em França nos meios escolares com êxito notável e, pelas suas características, merece uma experiência em qualquer outro meio com antecipada garantia de resultados idênticos.

O avançado centro sportinguista Fernando Peyroteo foi o auctor do primeiro ponto marcado esta época em campeonato, e segue na vanguarda da lista dos melhores apontadores

★

A quinzena decorrida comportou como acontecimentos marcantes quási exclusivamente os encontros das primeiras jornadas dos campeonatos regionais de futebol.

Embora êstes sejam uma eterna repetição e os nomes dos clubes e jogadores na brecha se mantenham os mesmos de sempre, o bom público acorreu jubiloso ao espectáculo da luta entre os seus favoritos que não desmentiram o interesse duma tradicional rivalidade.

Até fins de Dezembro o espírito popular prender-se-à curioso à competição que vai decidir o título de campeão de Lisboa, para o qual ainda é impossível qualquer prognóstico estável, mas que a seqüência dos factos parece indicar que venha a decidir-se entre os «leões» e os «encarnados»; depois, no ritmo imutável de tôdas as épocas, assistiremos ao Campeonato das Ligas, que agora se chama de Portugal, e ao campeonato Nacional que agora se chama Taça de Portugal; os nomes variam, mas o entrecho da época fica o mesmo.

Alvitrado nas colunas de «Os Sports» pelo nosso prezado camarada, capitão Ribeiro dos Reis, o projecto de organização dum Torneio Ibérico, opondo em eliminatórias sucessivas os clubes melhor classificados nos torneios nacionais português e espanhol, vai ganhando consistência mercê do unânime acôrdo favorável.

Julgamos, por motivos diversos, que a celebração de semelhante prova não seja tão fácil de levar a cabo como pode parecer pelo seu simples enunciado e pelos aplausos teóricos que o acolhem; mas a dificuldade nunca foi razão suficiente para o abandono duma iniciativa meritória, antes pelo contrário constitui factor de incitamento.

E' pelo menos, assim em matéria de espírito desportivo.

Na presença do conflito gravíssimo que assola a Europa e cujas conseqüências se traduzem para nós no campo desportivo pela impossibilidade de todo o contacto internacional além Pirineus, a intensificação do acôrdo com a outra nação peninsular é, mais do que nunca, vantajosa; entre o simples encontro das selecções e uma organização do vulto dêsse campeonato clubista o confronto não tem cabimento, de tal modo o segundo excede os limites escassos do primeiro. Oxalá seja, para o ano dos Centenários, uma linda realidade.

Não devemos esquecer que o ano próximo é particularmente importante para os portugueses, pela comemoração do duplo Centenário, que as circunstâncias europeas não podem bastar para reduzir a nada.

O desporto fôra repetidas vezes lembrado para figurar no respectivo programa de organizações, e embora nada se houvesse sabido de concreto sôbre o assunto, é nos lícito julgar que êle não fôra esquecido; do que então se projectara na paz, será agora uma parte irrealizável durante a guerra, mas alguma coisa ficará ainda de pé e nessa ordem de ideias será o tributo do futebol aquele de mais fácil realização e mais seguro êxito.

A Federação nacional já nos anunciou o acôrdo definitivo com a sua congénere italiana para disputa de dois encontros entre as respectivas selecções no decurso da época; adicionando-lhes o Torneio Ibérico teríamos o bastante para valorizar a temporada.

O nosso desporto mais popular, aquele de mais gloriosas tradições internacionais no capítulo de jogos não pode sem prejuízo viver isolado; se as condições o impuzerem, teremos que aceitar a solução, lamentando-a embora, mas temos primeiro como dever procurar por todas as formas que ela não venha a suceder.

SALAZAR CARREIRA

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

IMPRENSA

Reapareceu no Jornal de Beja — «A Ala Esquerda» — a secção charadística «Ala Edípica» sob a Direcção do nosso prezado confrade «Lerias» a quem felicitamos.

ERRATA

1.ª — A letra «R», inscrita no terceiro símbolo do «Geroglifo simples» do Desporto Mental» n.º 46, deve ser considerada como desenhada a cheio.

2.ª — Na «sincopada» n.º 9 do «Desporto Mental» n.º 42, deve considerar-se como inserta a palavra «*subsistir*» em vez de «*substituir*», como por lapso, o dicionário, donde o autor se serviu, menciona, e na n.º 3 do «Desporto» n.º 47, «*intenção*» em vez de «*intensão*».

RESULTADOS DO N.º 40

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 10)

QUADRO DE HONRA

MARCOLIM

QUADRO DE MÉRITO

Dr. Sicascar, Ti-Beado, Castela, Nuninho, Siulno — 9. Ramou Lácrimas, Mirna, Sol de Inverno, Dama Negra, Agasio, e Doris I — 8. Francisco J. Courelas, Sevla, Visconde X, Tarata, Diriso e Cigano — 7. D. O. X, Aureolinda, Neptuno, J. Tavares, Calaveras e Aristofanes — 6. Oliva, Anjo das Serras e Tiroliro — 4.

DECIFRAÇÕES

1 — Semiviro. 2 — Agape. 3 — Sectário. 4 — Ousadia. 5 — Verdor. 6 — Verónica. 7 — Chichi. 8 — Li-a-me. 9 — Sus-ten-ta. 10 — Não fio nada até amanhã.

RESULTADOS DO 2.º CONCURSO TRIMESTRAL

PRODUTORES

Por indicação do juiz, nosso prezado confrade e amigo «Sevla», foram premiados os seguintes trabalhos:

Logogrifos: 1.º prémio: n.º 2 do «Desporto» n.º 36, de «Olegna»; 2.º prémio: n.º 3.º do «Desp.» n.º 40, de «Lérias».

Charadas e enigmas: 1.º prémio: n.º 3 do «Desp». n.º 38, de «Sileno»; 2.º prémio: n.º 4 do «Desp». n.º 38, de «Marvedo Azeio».

Charadas em frase: 1.º prémio: n.º 9 do «Desp.» n.º 40, de «Dr. Sicascar»; 2.º prémio: n.º 17 do «Desp.» n.º 38, de «Marcolim»; 3.º prémio: n.º 10 do «Desporto» n.º 36, de «Ricardo».

Produções em verso e prosa do «Desporto» n.º 36: Em verso: n.º 2 de «Enigmático»; em prosa: n.º 9 de «Ti-Beado».

DECIFRADORES

1.º prémio: «Marcolim»; único totalista, o que bem demonstra as suas notáveis qualidades de inteligência, atendendo a que trabalha a sós e dispõe de poucos auxiliares.

CONCORRENTES AO 2.º PRÉMIO

Castela, Nuninho e Siulno — 81. (É digno de louvor êste trio; apenas por um ponto deixou de ser totalista). Dr. Sicascar e Ti-Beado — 75. Alvarinto, Edipo, Fosquinha, Haníbal, Já Mexe, Jorubasil, Lérias, M.me Lérias, Miss Sporting, Ricardo, Soba da Tôrre e Sol de Inverno — 72. Ramou Lácrimas — 71. Dama Negra, Francisco J. Courelas e Sevla — 67. Agásio — 65. Tarata — 62. Dado — 60. Diriso e Visconde X — 58. Cigano — 57. J. Tavares — 51. Aristofanes — 50. Neptuno — 49. Aureolinda — 48. D. O. X. — 46. Anjo das Serras — 45. Mirna — 44. Calaveras — 42.

CONCORRENTES AO 3.º PRÉMIO

Doris I — 39. Oliva — 37. Um Misterioso — 35. Tiroliro — 17. Enigmático — 16. Fra-Diávolo — — 14. Jónio — 13. Alda — 10.

O sorteio realiza-se, como de costume, pela lotaria seguinte à data da saída da Revista.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 49

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Nesta *fome* de amor que me tortura — 3-6-2-8
ando buscando em vão meu mágico ideal,
«*a*» mais bela mulher, a dôce criatura, — 7-4-9-6
que desta vida faça um sonho divinal!

Meu coração *insiste*, e vai nessa procura, — 1-2-3-8
gastando a energia, e só ganhando o Mal;
até que a Dôr o *mate*, êle vai nessa loucura, — 7-4-5-1
qual cego que não vê a fundura abismal!

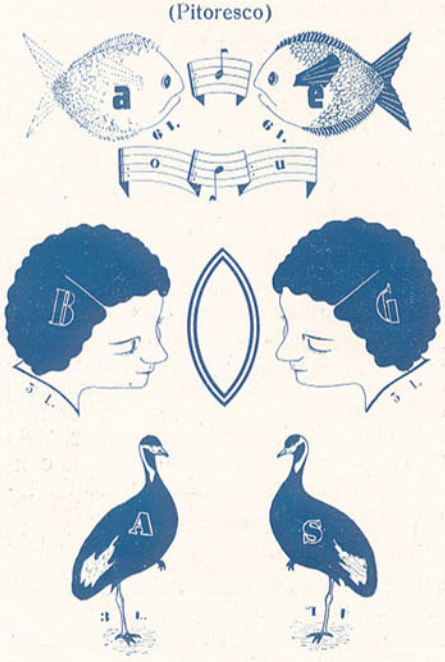
Como judeu errante atrás dum sonho vão,
lá vai, lá vai assim, meu pobre coração,
visionário feliz que o Bem anceia e espera!

Lá vai nessa jornada, atrás da F'licidade,
qual cavaleiro audaz, *seduzir* a Verdade,
em louca desfilada atrás duma Quimera!

Lisboa — *Lérias*

9) GEROGLIFO COMPLEXO

(Pitoresco)



Lisboa — *Matina*

ADITIVAS (Antigas)

2) A tua fronte imaculada
semelha a mais linda alvorada,
feita de oiro e luz!
Tudo em ti é magnificência,
divo amor, sublime Essência,
«Menino Jesús!»

Eu sou, tu bem vês, um petiz
que ainda mal sabe o que diz,
que tem pouco tino...
mas ao deitar-me, com atenção,
já te dirijo uma oração,
«meu Santo Menino!»

A vida é cheia de surprezas
e o *sacrifício* tem durezas, — 2
imensos pezares!...
Eu sou bébé... inócuo sêr!
Confio, pois, no teu poder,
«não me desampares».

A todo o instante sê o meu guia,
a *Luz* vital que me enebria, — 2
o Fanal divino!...
O' não me esqueças, não,
cinge-me à tua *protecção*
«que eu sou pequenino».

Lisboa — *Ordisi Júnior*

3) — «A Mulher é *um* Sêr refalsado! — 1
... Mas Deus nunca me falte com uma...»
— Disse alguém que brilhou no passado —
«É veneno em nossa alma instilado,
«Mas veneno que a Vida perfuma».

Braz, porém, — um poeta — é sujeito
Que não «bebe» da mesma «vazilha»,
Pois detesta a Mulher, com despeito
Duma prima... — um enleio desfeito... —
E entre os dois volta-e-meia há peguilha.

— «Eu amar?! Eu à «fêmea» jungido?!
Diz-lhe o Braz, de argumentos à míngua,
«Não darei essa glória a Cupido!...»
E a mocinha, sem «papas na língua»,
Castigou o «frustrado» marido.

Com *soberba*, cheirando-lhe a «esturro»: — 2
— «Tu pr'ó verso és um «alho»! És um «barra»!
«Mas p'ra coisas de amor... és um burro!
«És qual boi que dá sorte... e não marra...
«Detestar a Mulher!! Só a *murro!*

Lisboa — *Sileno*

ENIGMA

4) Ao confrade e Director:
P'rá Secção querendo eu entrar
licença eu venho pedir.
E ao começar por favor
não me vá já maltratar,
se não me fia a seguir

Um pouco dessa atenção
que a todos tem dedicado,
quando com petulância
lhe pedem de antemão
um trabalho publicado.
Peço-lhe pois *constância!*

Nova Gaia — *Sergipe*

TRABALHOS EM PROSA

REVERSIVA (Eléctrica)

5) Um *vereador* está quási sempre em *luta* com os outros. — 2.

Luanda — *Ti-Beado*

ENCADEADA (Mefistofélica)

6) Quem *desacredita* o *nascido* na China é *queimado*. — (2-2) 3.

Luanda — *Dr. Sicascar*

SINCOPADAS

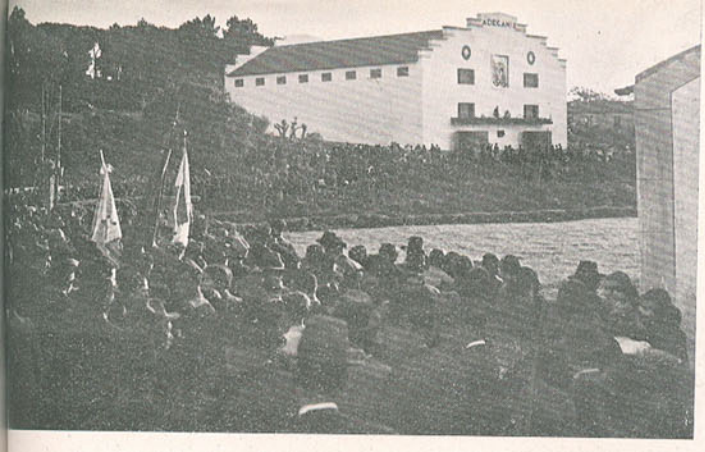
7) Muita *alcoviteira* há no *mundo*. — 3-2.

Lisboa — *Mirones*

8) *Descobre* o ladrão que *penetra* na tua casa. — 3-2.

Luanda — *Fernando Costa*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.



Aspecto do brilhante cortejo inaugural da Adega de Vila Nova de Tazem, que se vê ao fundo festivamente engalanada

A União Vinícola do Dão inaugura novas instalações

De entre os organismos vinícolas regionais que o Estado Novo criou, numa feliz inspiração, com o objectivo de regularisar, em bases estáveis, a produção e comércio dos nossos vinhos que uma profunda desorganisação caracterisava, com grave dano da Economia Nacional, destacou-se desde o seu início, em 1935, a União Vinícola do Dão que abrange uma extensa área onde se produsem os seus característicos e inegualáveis vinhos de mesa tão justamente apreciados de nacionais e estrangeiros, como o atestam as referencias que lhes foram feitas pelos delegados ao Congresso Internacional da Vinha e do Vinho que entre nós se realisou, o ano passado, com assinalado exito.

A acção inteligentemente orientada dos seus dirigentes, exercendo-se dentro de um vasto programa de realisações, muito tem contribuido para o progresso e desenvolvimento desta importante actividade, com decisiva influencia na economia local, sendo devéras sintomático o facto de ter passado de 4.726 o número de lavradores associados em 1935, a perto de 11.000 que em 1938 se registaram, os quais se aproveitam de tôdas as vantagens que êste Organismo proporciona, de entre as quais avultam o financiamento para despesas do cultivo, fornecimento de vasilhas para transporte, assistência tecnica prestada em todos os centros vinícolas, assistência corporativa, estendendo-se aos próprios trabalhadores a sua benéfica acção, com subsídios por intermédio das suas casas do Povo.

Uma ala de cubas da Adega de Viseu

Uma vista da Adega de Tondela

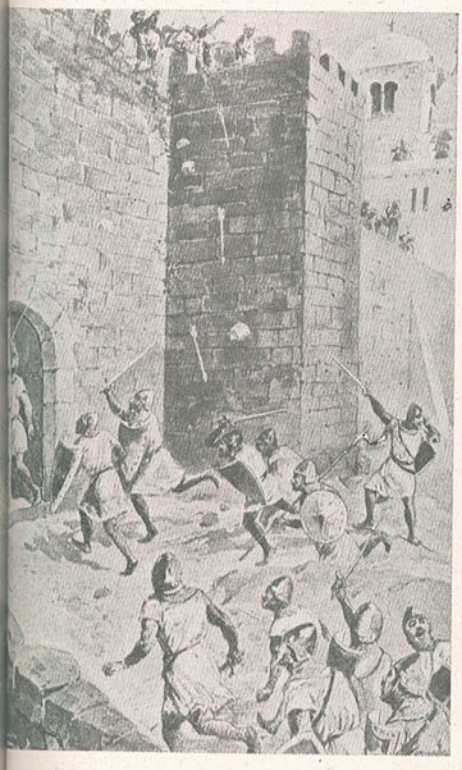
Têm-lhe merecido também especiais cuidados as suas instalações que se vão multiplicando através a região, construindo-se novos armazens e adegas regionais.

Vêm estas considerações a propósito da recente inauguração, com a presença das autoridades e representantes de vários organismos vinícolas, das adegas de Tondela, Nelas, Vila Nova de Tazem e ampliação da de Viseu, cujo armazém dispõe de 42 cubas com a capacidade de 3.100 pipas e uma distilação com a produção de oito pipas.

O entusiasmo que assinalou estas cerimónias, por parte das populações respectivas, demonstra insofismàvelmente a importância que revestem estas inovações.

A CONQUISTA DE LISBOA

HÁ SETECENTOS E NOVENTA E DOIS ANOS



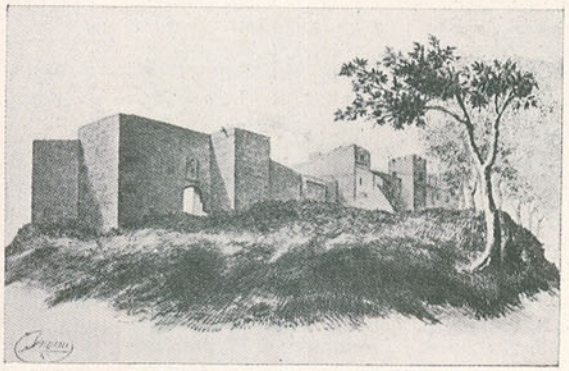
A tomada de Lisboa aos moiros em 1147

Passou mais um aniversário sôbre a conquista de Lisboa aos moiros. Afonso Henriques, o glorioso fundador da nacionalidade portuguesa, desde há muito que visionava a formosa cidade que poderia ser considerada a mais bela do Mundo. Estes dotes eram reconhecidos igualmente pelo moiro que a rodeava de cautelas, receando que lha arrebatassem.

Um dia, Afonso Henriques investiu, e a cidade de Lisboa tornou-se portuguesa e cristã.

Ao cabo de setecentos e noventa e dois anos é que vai ser levantado um monumento ao excelso soberano. Finalmente, vai ser resgatado êste acto de ingratidão indesculpável, tanto mais que fervilham para aí estátuas a tôda a gente e a ninguém, com raras excepções.

Ainda bem que vai ser paga esta dívida sagrada que Lisboa não soube ou não quis saldar como lhe competia. De todos os monumentos que esta formosa cidade de mármore e granito ostenta, deve ser o de Afonso Henriques o mais alto e majestoso.



Muralha norte do castelo de S. Jorge, onde se abre a porta de Martim

DE ano para ano se nota no começo do ano lectivo, o aumento de matrículas de raparigas nos cursos do Liceu e superiores.

Cada vez é maior a afluência de meninas ao estudo secundário e superior.

Naturalmente que assim tem de ser, numa época em que a instrução é indispensável, tanto ao homem como à mulher.

A dificuldade da vida que a guerra actual só poderá tornar mais acentuada, exige que a mulher tenha habilitações que lhe permitam ganhar a sua vida, quando precise fazê-lo e com as exigências da vida moderna rara será a mulher que não tenha de trabalhar para aumentar o orçamento familiar que sem o seu auxílio se verá muito reduzido para fazer face às eventuais despesas.

E' fácil dizer: no tempo de nossos avós não havia tanto luxo, vivia-se modestamente, não havia tantas comodidades e a mulher mantinha a vida familiar no seu verdadeiro equilíbrio e efectivamente assim era, mas a verdade é, que a tendência geral é a de vivermos como os nossos contemporâneos e o que então se considerava superfluo é hoje indispensável.

O confôrto em casa, o vestir mais elegante para tôdas as classes, as distracções que então não havia e hoje há, até em pequenas terras de província, tudo exige um maior gasto de dinheiro, que só com o trabalho da mulher se poderá conseguir o equilíbrio necessário, para não tornar a vida familiar um tormento.

Mas se a providência dos pais, aliada ao desejo de saber das filhas, faz com que a maioria das meninas, siga um curso com que poderá habilitar-se a ganhar vantajosamente a sua vida, é preciso que entre em cena o bom senso das mãis, para que se não dê o triste facto, mais tarde, da mulher estar apta a ganhar a sua vida, como o marido o faz, mas incapaz de governar a sua casa e de orientar dentro do lar, a família.

A família sagrado núcleo da sociedade que é absolutamente necessário defender, para que se não desagregue.

E' necessário evitar que o casamento se torne na associação de dois camaradas, que ambos ganham e ambos fazem a mesma vida, prontos a dissolver essa associação se não lhes agrada a convivência íntima.

O casamento é qualquer coisa de muito sagrado e o lar de muito respeitável, é, mais do que nunca a rapariga instruida, de hoje, o precisa saber.

A' mãi compete pois acompanhar a instrução que suas filhas recebem no Liceu ou nas Escolas Superiores, com a educação caseira de bôas donas de casa, que lhes será muito necessária também.

Muitas senhoras que têm suas filhas a estudar não lhes permitem que se ocupem em casa para as não cansar. E' um êrro. O trabalho caseiro é um descanso para aquela que o trabalho intelectual causou.

E nos momentos livres é até uma salutar distracção, que a menina que assim tem sido educada saberá apreciar

Conheço uma menina distintíssima nos seus estudos, e, que descansa fazendo na perfeição um prato para o jantar, e que tem ainda horas que reserva para a costura, para o "tricot„ e para os trabalhos femininos.

Bem sei que tem esta menina a felicidade de ter uma mãi que organiza a vida doméstica com a maior ordem, e, não vive para se divertir, considerando o divertimento como uma recompensa ao trabalho e não como um fim na vida.

Porque é preciso que a futura geração de mulheres, não seja a geração de mulheres sábias, aptas a viver como homens, mas que da vida feminina, indispensável para a felicidade do lar, tudo ignoram, tornando assim improfícuos os seus esforços para melhorar o orçamento familiar, pois o que por um lado ganham é gasto pelo outro em pessoal, que se não importará de o desperdiçar, sem dó nem piedade.

E' hoje necessário que a mulher tenha conhecimentos e habilitações, que lhe permitam fazer face a tôdas as contingências da vida, mas é também absolutamente preciso, que não esqueça que é mulher e que o principal fim da sua vida é ser esposa e mãi.

E como tal deve saber fundar um lar e dirigi-lo com tôdas as regras da ordem e da economia. Deve saber tratar os seus filhos e sobretudo não ver nos pequenos trabalhos domésticos uma deminuição da sua superioridade intelectual, mas sim como que um necessário complemento, que a elevará e a tornará verdadeiramente superior.

E só assim a mulher que estuda será digna de ser esposa e de ser mãi.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

COM o Outono avançado e o Inverno à porta é preciso passar uma revista cuidadosa ao guarda-vestidos, para tratar das «toilettes» de Inverno que muito em breve se vão tornar indispensáveis.

Como tivémos um Verão e um começo de Outono muito tempestuosos e chovosos, é possivel que a última parte desta estação seja mais amena e o costumado verãozinho de S. Martinho se prolongue em formosos dias, mas não nos deixemos enganar, após êsses, outros virão, ásperos e frios que nos obrigarão a recorrer a abafos.

Comecemos, pois, a preparar-nos para essa época que vem talvez mais próxima do que nós pensamos.

No entanto, hoje trataremos apenas dos casacos de abafo em lã, deixando para mais adiante falarmos dos grandes abafos em peles, que no nosso país, só nos rigorosos dias de Inverno se suportam porque de demasiado pezados se tornam incómodos.

O casaco em lã mais ou menos forte tem sempre utilidade durante todo o ano e em viagem ou excursão é o casaco indicado para usar sempre.

Vê-se uma variedade enorme nêsses casacos e em tecidos, desde o pano veludo em tom miúdo às maiores fantasias em fazenda, desde as «tweeds» às «ratines» tudo se usa e tudo é bonito se fôr bem feito e de bom gôsto.

Tudo reside em saber escolher côr, fazenda e feitio, que favoreça a silhueta. As senhoras fortes devem ter o cuidado de não procurar fazendas que as engrossem nem côres demasiado vistosas. No feitio devem ser cuidadosas; as senhoras delgadas tudo podem usar sem o receio de engrossar, convindo-lhes até os feitios que lhes dêem um aspecto mais imponente.

Damos hoje dois lindos modelos de casaco que são para os dois efeitos. Um deles em lã «ratine» é um casaco prático para o uso de todos os dias e que não engrossa a silhueta.

Em cinzento não muito claro modela o corpo, cingindo-se-lhe; a sua guarnição são apenas os botões e as largas algibeiras que tem aos lados e sobre o peito, sobre um vestido preto é usado com chapeu em feltro preto guarnecido a veludo cristal em cinzento preto. Luvas, sapatos e carteira pretas.

O outro casaco só convém a uma senhora delgada, que não receie engrossar em «tweed» quadrilhado em «beije» claro e escuro, a forma é ampla e aumenta a amplidão as grandes algibeiras que tem na frente. As mangas «raplau» são muito largas e guarnecidas com uma larga volta. Na cintura aperta com um cinto em camurça castanha. Também a «écharpe» do pescoço é em camurça castanha assim como as luvas. O chapeu é em feltro «beije» claro guarnecido a camurça castanha.

A grande carteira é no mesmo tecido do casaco, «Ensemble» elegantissimo.

O chapeu é sempre uma preocupação no princípio da estação. Aqui temos um lindo modelo neste chapeu em forma «postillon» em feltro fino côr de canela é guarnecido a pele castanha na aba e no alto da copa e por uma «cocarde» em fita da mesma côr presa com uma aplicação em contas.

Para jantar, elegantissimo vestido em «crepe georgette» côr de rosa muito pálida e renda «guipure». A saia é tôda feita em tiras de renda e georgette, formando uma elegantissima cauda.

O corpo e as mangas até ao cotovelo são guarnecidos a renda. E' usado sobre um «fourreau» em setim côr de carne, o cinto é feito por duas largas fitas em veludo azul «roi» e côr de rosa.

E' um elegantissimo vestido muito vaporoso e leve e dum efeito graciosissimo.

O QUE SE DEVE SABER

AS cozinheiras veem-se às vezes atrapalhadas e aqui lhes damos umas ideias que as salvarão de apuros. Sucede quebrarem-se tachos, frigideiras ou outros objectos de barro.

O remédio é comprar outros, mas nem sempre é fácil fazê-lo dum momento para o outro. Consertam-se os objectos quebrados.

Com cinza e sal em partes iguais e amassados forma-se uma massa com que se tapam fendas e buracos.

As caçarolas de ferro fazem-se negras com facilidade, metem-se em água e cinza de lenha sem se esfregarem.

Quando o guizado pega ao fundo do tacho lava-se tambem com água e cinza de lenha, esfregando com o piassaba.

Querem saber se os ovos são velhos? Dissolvam 125 gramas de sal num litro de água. Mergulham-se nesta solução os ovos. Os que são frescos caem logo no fundo. Os que já têm uns dois dias tocam no fundo ao de leve; com três ou quatro dias oscilam entre o fundo e a superfície; e os que têm mais dias flutuam ao cimo da água.

Para limpar as garrafas do sarro do vinho deita-se-lhes dentro fôlhas de chá já aberto, areia fina e água de sabão quente, mas que não faça estalar o vidro. Enxaguam-se e ficam novas.

HIGIENE E BELEZA

A moda tudo modifica e senhoras que há anos desejaram a magreza dum esfaimado da Índia, tratam hoje de adquirir um pouco de formas, como a moda o exgie.

Não se usa ser gorda como algumas pessoas o supõem — a obesidade e mesmo a gordura não se usa. São sempre sintomas de pouca saúde e além disso a estética sofre com esse aspecto.

O que se usa é a mulher com formas femininas e sem aparencia esquelética.

As senhoras que o pedem, damos o seguinte regimen, que não havendo doença dá bom resultado sempre.

Ás oito da manhã uma chávena de chocolate. Ás 10½ um ovo quente ou um pouco de fiambre e uma chávena de caldo. Á 1 hora sopa de massa, um bife com bastantes batatas, doce de leite, ovos, farinha e pasteis. Ás 5 horas uma chávena de cacau. Ás 8 horas, sopa de aveia com uma gema de ovo, peixe com batatas, carne com massa, doce e cerveja. Deitando tarde um copo de leite.

Mastigar bem, uma vida higienica, dormir bem e estar bastante tempo na cama, banho morno, passeio diário sem cansar Logo que se nota uma diferença suspende-se esta alimentação para não engordar muito.

CAPITAIS E PROVÍNCIAS

EM todos os países, a capital imagina ser a representante de todo o país e oferece em geral aos viajantes que a visitam, uma falsa

amostra do que é a vida e a índole do país.

Em França, é Paris; na Inglaterra, Londres; em Portugal, Lisboa; que se arrogam esse direito, que não corresponde à verdade dos factos.

As capitais são em geral cosmopolitas, tendo adaptado os seus usos aos dos variados visitantes ou estrangeiros que nelas habitam, e a verdade é que em tôdas essas cidades, nós vêmos fazer pouco mais ou menos a mesma vida.

Com mais movimento e luxo nas grandes capitais, com menos nas pequenas, mas em tôdas, pouco mais ou menos, há a mesma feição, as lojas, a vida de café, a vida de teatros e de cinemas.

Para quem quizer conhecer a verdadeira vida dum povo, tem de viver a vida da província em Inglaterra nas Middetussex, ou no país de Gales, em França no Touraine, no Berry ou na Provença, e em Portugal em qualquer das nossas províncias de tão diferentes costumes, mas tão portuguesas tôdas. Traz-os-Montes, Minho, Beiras, Douro, Ribatejo, Estremadura, Alentejo ou Algarve, com os seus hábitos tão diferentes umas das outras, são tôdas, no entanto com os seus usos e costumes, que formam êste Portugal tão homogéneo no sentir, que em tôda a parte é igual.

Quem quizer conhecer os portugueses e os desejar compreender não se deve limitar a uma visita a Lisboa e seus arredores, mas terá de percorrer as várias províncias, conhecer as suas belezas e viver os seus usos, para penetrar na alma dum povo que junta à alegria a sombra leve da melancolia e que em tudo põe uma nota de sentimento.

E a mulher que tanto marca num povo, na província é que é bem portuguêsa, com todos os defeitos e as qualidades que caracterizam a raça.

PENSAMENTOS

Fazer bem dá muita vez mais prazer a quem o faz do que a quem o recebe.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — 6, 3
Ouros — A. 9
Paus — 8, 2

Espadas — 7, 3	**N**	Espadas — 6, 2
Copas — — — —	**O E**	Copas — — — —
Ouros — R. 10		Ouros — 8
Paus — 9, 5	**S**	Paus — 7, 4, 3

Espadas — 5, 4
Copas — — — —
Ouros — D.
Paus — V. 10, 6

Trunfo copas. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 8 *p*, **N** — V *c*. e A *e*.
N » 6 *c*.
S faz 10 *c*. e joga A *c*, **O** — 5 *c*, **N** — 10 *e*, **E** — R *c*.
S joga 8 *c*, **O** — 5 *c*, **N** — V *e*, **E** está ilaquiado e **S** faz tôdas as vasas.

Locomotiva minúscula

Um mecânico húngaro construiu uma locomotiva aproximadamente do tamanho dum aparo de escrever, que funciona perfeitamente.

O cilindro mede cêrca da vigésima quinta parte duma polegada em diâmetro. As diversas partes de que ela se compõe, dezoito ao todo, são feitas de diversos metais — cobre, aço e bronze.

A trovoada e as árvores

É sabido que as faíscas caem muitas vezes nas árvores e, por isso, quando rebenta uma tempestade, vale mais ficar num espaço descoberto do que procurar refúgio debaixo duma árvore solitária.

Mr. Dark, do Instituto Botânico de Londres, estudou, durante três anos esta questão e poude verificar que as árvores mais freqüentemente atacadas pelos raios são os carvalhos; em seguida, são os olmeiros, os pinheiros, os choupos, os salgueiros e os freixos.

Mr. Dark não tem, porém, conhecimento de que jàmais tenham caído faíscas sôbre uma faia, um vidoeiro ou um castanheiro.

A transfusão de sangue é muito mais antiga do que se supõe. Não se conhece a data da sua origem na história da cirurgia mas sabe-se que já era de uso corrente no século XV.

Wagner e os cães

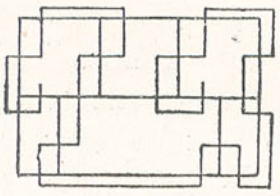
Wagner era muito amigo dos cães. A primeira vez que esteve em Inglaterra, em 1839, ia acompanhado de um magnífico Terra-Nova de grandes dimensões, o qual se perdeu em Londres; ao fim de dois dias, porém, o inteligente animal conseguiu encontrar o hotel em que o seu dono se hospedára.

Todos quantos visitavam Bayreuth, sabiam a história do fiel Russ, que está enterrado perto do sítio onde jaz o grande compositor.

Numa carta que Wagner escreveu a um seu amigo, quando se encontrava em Paris, em 1861, fala dum outro dos seus cães. A carta foi escrita em 12 de Julho, e apesar do recente fiasco de Taunhauser, que tinha profundamente preocupado o maestro, êste fala da morte do seu cão e conta a maneira como o enterrou pelas suas próprias mãos, acrescentando: «Ao enterrar êste cãosinho, enterro muitas outras coisas. Já não tenho quem me acompanhe nas minhas excursões».

Traço contínuo

(Solução)



Os irmãos de Napoleão

Eram, ao todo, sete os irmãos de Napoleão, quatro irmãos e três irmãs: José, que foi rei de Espanha; Luciano, príncipe de Canino; Luiz, rei da Holanda; Jerónimo, rei de Westfália; Elisa, grã-duquesa da Toscana e princesa de Lucca e Piombino; Paulina, duquesa de Guastalla e princesa Borghèse; e Carolina, princesa Murat e rainha de Nápoles.

Sons que partem vidros

É possível partir um vidro produzindo certos sons junto dêle. O célebre tenor Caruso partia vidros cantando lhes, mas para êsse efeito costumava empregar uma determinada nota que êle já sabia que o vidro não suportava. Já se têm, efectivamente, quebrado vidros por sons vindos da telefonia.

O algodão

O algodão, segundo a interpretação que se pode dar aos mais antigos documentos, é empregado no fabríco de fios, desde a mais alta antiguidade. Encontra-se assinalado na Bíblia e os antigos auctores Herodoto, Estrabão, Plínio, etc., a êle se referem também. As primeiras vestimentas em algodão apareceram na Europa como verdadeiras preciosidades na época das Cruzadas, vindas do Oriente. Começou a ser fiado no nosso continente em Veneza no século XIII e daí se estendeu esta indústria a tôda a Europa.

Que Número?

(Problema)

Queiram procurar o número, do qual a soma da sua terça, quarta e quinta parte juntas, é igual a 94.

Flores e fitas

(Problema)

Sôbre o triângulo formado por flores e fitas que aqui lhes apresentamos, queiram descobrir uma figura geométrica regular, de seis lados iguais e dividida em doze partes iguais e simétricas, de modo que, em cada uma dessas divisões, se encontre ou uma flor ou um laço de fita.

Antiguidade dos utensílios de lavoura

Os primeiros instrumentos oratórios que o homem usou fôram a picareta e a pá. O uso dêstes utensílios vem dos tempos-pré-históricos. A descoberta dos intrumentos de lavoura em que se aproveita a tracção animal perde-se também na noite dos tempos; encontram-se em todos os povos primitivos; os egipcios, os gregos e os romanos airibuiram-lhe uma origem divina.

As obras principais de Beethoven são as nove sinfonias, das quais a nona é considerada como uma das maiores obras musicais que existem, a *Sonata a Kreutzer* e a ópera *Fidelio*.

O autor grêgo em quem Racine muitas vezes se inspirou, foi Eurípedes. Dêle extraiu os assuntos das suas tragédias *Fédora, Andrómaca* e *Ifigénia*.

Um dos melhores anagramas que se se conhcem, foi o que se fez, em Espanha, à duqueza de Trinidad. Chamava-se ela *Maria de la Torre*, e por anagrama, *Amor de la Tierra*. E nada mais próprio, visto ser, como dizem, a mais formosa dama daquele tempo.

— Dou-te um tostão mas têm que se calar ambos, irra!
— Por um tostão só se calar esta que ainda é pequena!

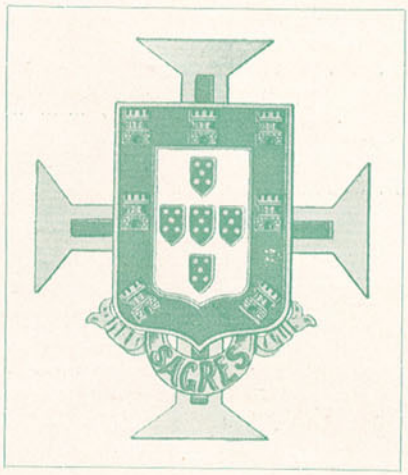
Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938
Esc. 21.045.116$72

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938
Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

DICIONÁRIO DE AUTORIDADE INCONTESTAVEL
E O MAIS BARATO DE TODOS

O mais moderno dos Dicionários
da Língua Portuguesa para o ensino liceal

Aprovado defenitivamente por despacho de 18 de Outubro de 1938
(«Diário do Govêrno» de 30 de Novembro de 1938)

Dicionário da Língua Portuguesa

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde,

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 7$50**

PEDIDOS Á
LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

Almanaque Bertrand

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Descrição e mapas, a côres, do

IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado **10$00**. Encadernado luxuosamente **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina

Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, tecnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$50; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos,** e estará concluida no proximo ano.

Unicamente dicionário da língua portuguesa

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 8.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA